

RELAZIO

RELAZIO ANNUO-TRIMESTRE DI CUI AL COUNCIL ANNUO

Periodo: 1^a/1/62 a 31/12/62



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO RURAL
CENTRO ÁUDIO-VISUAL - PORTO ALEGRE - R.G.S.

RELATÓRIO DO CENTRO ÁUDIO-VISUAL DA CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO RURAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA EM PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL

Período: 1º/4/62 a 31/12/62

O presente relatório vem prestar contas das atividades do Centro Áudio-Visual de Porto Alegre, no período acima compreendido.

Em virtude do Decreto Lei nº 51.393, de 11/1/62, do Exmo. Sr. Presidente da República, que suspendeu até dezembro do mesmo ano a admissão de pessoal temporário do Ministério da Educação e Cultura, continua este Centro com seu quadro de pessoal reduzido, o que nos impossibilitou - principalmente no que diz respeito à produção - de desenvolver um maior número de trabalhos.

Apesar disso, procuramos, neste período, elevar o nível técnico destes elementos de execução, conforme poderá ser notado nos trabalhos apresentados no presente relatório, tais como: expediência em policromia e trabalhos nos quais foi utilizada a técnica de "duplex".

No Setor de Treinamento procuramos, baseados em experiências anteriores, melhorar e ampliar nossos programas, de acordo com o nível dos grupos a serem treinados. Num tentativa de suprir a deficiência de pessoal no Setor, organizamos, com sucesso, uma equipe que abrange todos os funcionários do Centro Áudio-Visual de Porto Alegre.

Não ventilamos, até o momento, a possibilidade da organização de um plano de trabalho para 1963, porquanto, devido às reformas que estão sendo realizadas no Ministério da Educação e Cultura, não temos, por ora, definida a situação deste Centro.

Passaremos, agora, a relatar as atividades propriamente ditas:

1 - PRODUÇÃO

Conta o Setor de Produção com os seguintes elementos:

- 1 Desenhista
- 1 Operador Litográfico

Os trabalhos de fotografia estão sendo realizados pelo Chefe do Setor - Técnico em Educação Áudio-Visual - por não contar este Serviço com um fotógrafo.

Realizou este Setor, no período deste Relatório, os seguintes trabalhos para as seguintes Instituições:

Fls. 3

PREFATURA MUNICIPAL DE GUAPORÉ:

1 lay-out de cartas sobre Exposição

ASCAR:

1.000 exemplares do folheto "MADO LEITEIRO - GUIA DO SÓCIO" - com 32 páginas, 3 cores (ANEXO 1)

SESI:

1 lay-out de cartas sobre Cooperativas

UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL - Faculdade de Ciências Econômicas - Instituto de Administração:

Narração do filme "THE EYE OF THE BEHOLDER" - 30 minutos

BOEMÉDICA UNIVERSIDADE GATÓLICA:

1 lay-out de panfleto sobre Curso de Física Biológica

CNER - Acôrdo com o Estado de Rio Grande do Sul:

8 ampliações fotográficas 30 x 40 cm. sobre trabalhos dos Centros Cooperativos de Treinamento Agrícola, para painel de exposição

Toradas de cena com filmes colorido e preto e branco, de curstando as viagens do Coordenador do CNER - Dr. Benjamin Gomes Pereira - a todos os Centros Cooperativos de Treinamento Agrícola do CNER - Acôrdo com o Estado do RS

3.000 exemplares do folheto "AGRICULTOR! - Isto interessa ao seu filho" - com 4 páginas, 3 cores, duplex (ANEXO 2)

400 cópias de cartão de Natal - (ANEXO 6)

CADES:- Inspeçtoria Seccional de Porto Alegre:

2.000 exemplares do folheto "O ALIMM SERIADO" - 12 páginas, 4 cores (ANEXO 3)

2.000 exemplares do folheto "O PLANELÓGRAFO" - 12 páginas, 4 cores, duplex (ANEXO 4)

CNER - Coordenadoria:

12 negativos tirados de fotografias 6x9
26 ampliações fotográficas 18x24

JAMES GRAZIER - Consultor da USON/D:

12 diapositivos coloridos com toradas de cena, sobre "Noça para estudo de Inglês" no Circolo Estadual Júlio de Castilhos

20 diapositivos coloridos - cópias de trabalhos sobre Dinâmicas de Cores

fls. 3

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ENFERMIAS MURAIS:

- 1 lay-out de cartaz sobre Hidatidose
- 1 lay-out de folheto sobre Hidatidose

CENTRO AUDIO-VISUAL DE FÓRTO ALEGRE:

- Experiência em policromia (ANEXO 4 A)
- 2.000 cópias de folheto "O ALBUM SERIADO"
- 3.000 cópias de folheto "O PLANELÓGRAFO"
- 1 álbum seriado com 15 fôlhas, sobre MEIOS DE COMUNICAÇÃO
- 1 " " com 13 fôlhas, sobre CARTAZES+
- 1 " " com 15 fôlhas, sobre CAMPANHAS EDUCATIVAS
- 1 " " com 6 fôlhas, sobre MUSEIO ATRAVÉS DE FILMES
- 1 " " com 10 fôlhas, sobre MURAL DIDÁTICO
- 1 " " com 14 fôlhas, sobre RECURSÕES
- 1 flanelógrafo com 19 peças, sobre GEMINAÇÃO E FERTILIZAÇÃO DA FLOR, para palestras (ANEXO 4 b)
- 200 exemplares de cartão de NATAL (ANEXO 5)
- 1.000 exemplares da apostila "REPRODUÇÃO DE MAPAS E GRAVURAS", 3 páginas (ANEXO 7)
- 300 exemplares da apostila "QUADRO ELETRICO DE TESTES", 2 páginas (ANEXO 8)
- 700 exemplares da apostila "FOTOGRAFIAS E GRAVURAS", 6 páginas (ANEXO 9)
- 500 exemplares da apostila "COMO UTILIZAR O NOMOCURANO", 2 páginas (ANEXO 10)
- 1.000 exemplares da apostila "MÉTODOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE CAMPANHAS", 3 páginas (ANEXO 11)
- 1.000 exemplares da apostila "RECURSÃO", 8 páginas (ANEXO 12)
- 1.000 exemplares da apostila "QUADRO-NEGRO", 7 páginas (ANEXO 13)
- 1.000 exemplares da apostila "O PROCESSO DA COMUNICAÇÃO", 8 páginas (ANEXO 14)
- 1.000 exemplares da apostila "MURAL DIDÁTICO", 6 páginas (ANEXO 15)
- 500 exemplares da apostila "MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSAS", 3 páginas (ANEXO 16)
- 300 exemplares da apostila "PROJEÇÕES DE FILMES E FIMES", 2 páginas (ANEXO 17)

NOTA: Os folhetos "O ALBUM SERIADO" e "O PLANELÓGRAFO" foram produzidos com a finalidade de atender ao Setor de Treinamento deste Centro Audio-Visual e à CADES - Inspeção Seccional de P. Alegre. A tiragem dos folhetos em apreço foi a seguinte:

- O ALBUM SERIADO - 4.000, sendo 2.000 para a CADES e 2.000 para o CAV
- O PLANELÓGRAFO - 5.000, sendo 2.000 para a CADES e 3.000 para o CAV

fls. 4

2 - T R E I N A M E N T O

Este Setor continua responsável pela Redação e Secretaria.

Atendendo às necessidades do Setor, o Departamento de Produção elaborou os seguintes trabalhos:

Albums Seriados:

Campanhas Educativas
Mural Didático
Excursões

Apontilas:

Inteligência de Mapas e Gravuras
Normas para a Organização de Campanhas
Excursões
Quadro-negro
Mural Didático
Meios de Comunicação de Massas

Folhetos:

O Album Seriado
O Flanelógrafo

CURSOS

Para a realização dos cursos planejados, que relataremos à seguir, foi organizada uma Equipe de Treinamento composta por todos os funcionários deste Centro Audio-Visual. Essa equipe realizou um trabalho entrosado e harmonioso, conseguindo transmitir segurança e entusiasmo. Haja vista as observações a nós transmitidas pelos grupos dos diversos cursos.

Os cursos ministrados foram os seguintes:

1 - Para Trabalhadores Sociais do SESI (Assistentes Sociais, Educadoras Familiares e Visitadoras Sociais)

Duração: 15 dias - 4 horas diárias

Período: de 3 a 18/4/62 total de 40 horas

Objetivo: Orientação na utilização e preparo dos Recursos Audio-Visuais mais indicados ao tipo de trabalho realizado pelo grupo

Nº de participantes: 25, divididos em 5 grupos de trabalho

Programa:

O Problema da Comunicação dos Conhecimentos
Os Recursos Audio-Visuais e o Problema da Comunicação dos Conhecimentos

Cartazes: utilização e confecção

Album Seriado: utilização e confecção

Mural Didático

Flanelógrafo: utilização e avaliação dos já utilizados pelo grupo

Excursões

Kinocógrafa portátil

Projeções: filmes e cinematográficas

Campanhas Educativas: técnica e planejamento de uma campanha por grupo

Meios de Comunicação à massa

Avaliação:

Foi grande o interesse do grupo que era homogêneo e já

fig. 5

Há muito, na realização de suas tarefas profissionais, vinha sentindo cada vez mais a necessidade de emprego de recursos áudio-visuais.

Consideramos esse fator o que positivou o bom resultado do curso.

2 - Promovido pela CADES - Inspeção Seccional de Porto Alegre, em professores do Ensino Secundário



Objetivos:

Despertar o interesse dos professores para o valor dos Recursos Áudio-Visuais como auxiliares da aprendizagem.

Demonstrar, na prática, como é possível a confecção de materiais visuais mesmo por pessoas que não possuem qualidades artísticas.

Duração: 10 dias - 2 horas diárias
total de 20 horas

Período: de 27/8/62 a 6/9/62

Nº de participantes: 27 divididos em 5 equipes de trabalho

Programa:

O Processo da Aprendizagem - Cane de Bala

Cartazes: utilização e confecção

Processos simplificados para letreiros, cópia, redução e ampliação de gravuras

Quadro elétrico de textos

Dióscopos

Album Seriado: utilização e confecção

Mapa Didático

Planógrafa: utilização

Escuridão

Hinoógrafo portátil: demonstração

Projeções fixas e cinematográficas

Notas gerais sobre fotografia

Entrelaçam de mapas e gravuras: demonstração

O quadro-negro

Fls. 6

Avaliação:

Este foi o primeiro curso que este Centro Audio-Visual realizou para professores de nível secundário. Serviu, pois, de teste para nosso programa. Não só pelas respostas recebidas na avaliação escrita de cada um dos participantes, como também pelo espírito de colaboração e entusiasmo encontrado no grupo, constatamos que esse programa está satisfatório.

O curso realmente excedeu às expectativas e a Equipe de Treinamento do CAV está certa de ter realizado um bom trabalho, considerando os resultados obtidos e as opiniões colhidas.

Ponto forte deste Curso foi a palestra inaugural em que demonstramos da forma mais ilustrada possível todos os recursos Audio-Visuais utilizáveis na sala de aula, bem como a feita distribuição de material impresso e a utilização de material ilustrativo durante as aulas.

O número de inscrites excedeu a 60 mas devido ao espaço aceitamos 27 por ser esse o número máximo por nós estabelecido para cursos que incluam trabalhos práticos.

- 3 - Rara Beliztat do INEP, participantes de um curso sobre Administração Escolar junto ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Rio Grande do Sul.



Objetivos: Demonstrar os recursos audiovisuais práticos e modos de confeccionar, para serem utilizados na sala de aula.

Duração: 5 dias - 2 horas diárias
total de 10 horas

Período: de 2 a 16/8/62

Nº de participantes: 9

fls. 7

Assuntos demonstrados:

O Processo da aprendizagem
Os Recursos áudio-visuais na Escola
Entalagem
Dioramas
Album Seriado
Cartazes
Planológrafo
Quadro-negro
Manual Didático
Excursões

4 - Para professoras do Ensino Primário e Rural, promovido pelo Ginásio Estadual de Osório. O curso foi realizado naquela localidade.

Objetivo:

Utilização e confecção de recursos visuais de pouco custo; apresentação do valor dos recursos áudio-visuais no processo da aprendizagem.

Duração: 5 dias - 7 horas diárias

Período: de 24 a 29/9/62

Nº de participantes: 21, divididas em 5 grupos de trabalho

Programa:

O Processo da aprendizagem
Os recursos áudio-visuais na Escola
Cartazes: utilização e confecção
O Album Seriado: utilização e confecção
O Planológrafo: utilização e confecção
Utilização do quadro-negro: confecção de stencil
Entalagem

Avaliação:

O grupo demonstrou grande interesse e entusiasmo, cortando os trabalhos em horas extraordinárias. O aproveitamento foi muito bom e os trabalhos apresentados chegaram a ser de excelente qualidade.

5 - Para professoras de Centros da CNER - Acôrdo com o Estado do Rio Grande do Sul.



fls. 8

Objetivo:

Utilização e confecção de recursos visuais de pouco custo

Duração: 5 dias - 7 horas diárias

Período: de 15 a 19/10/62

Nº de participantes: 8

Programa:

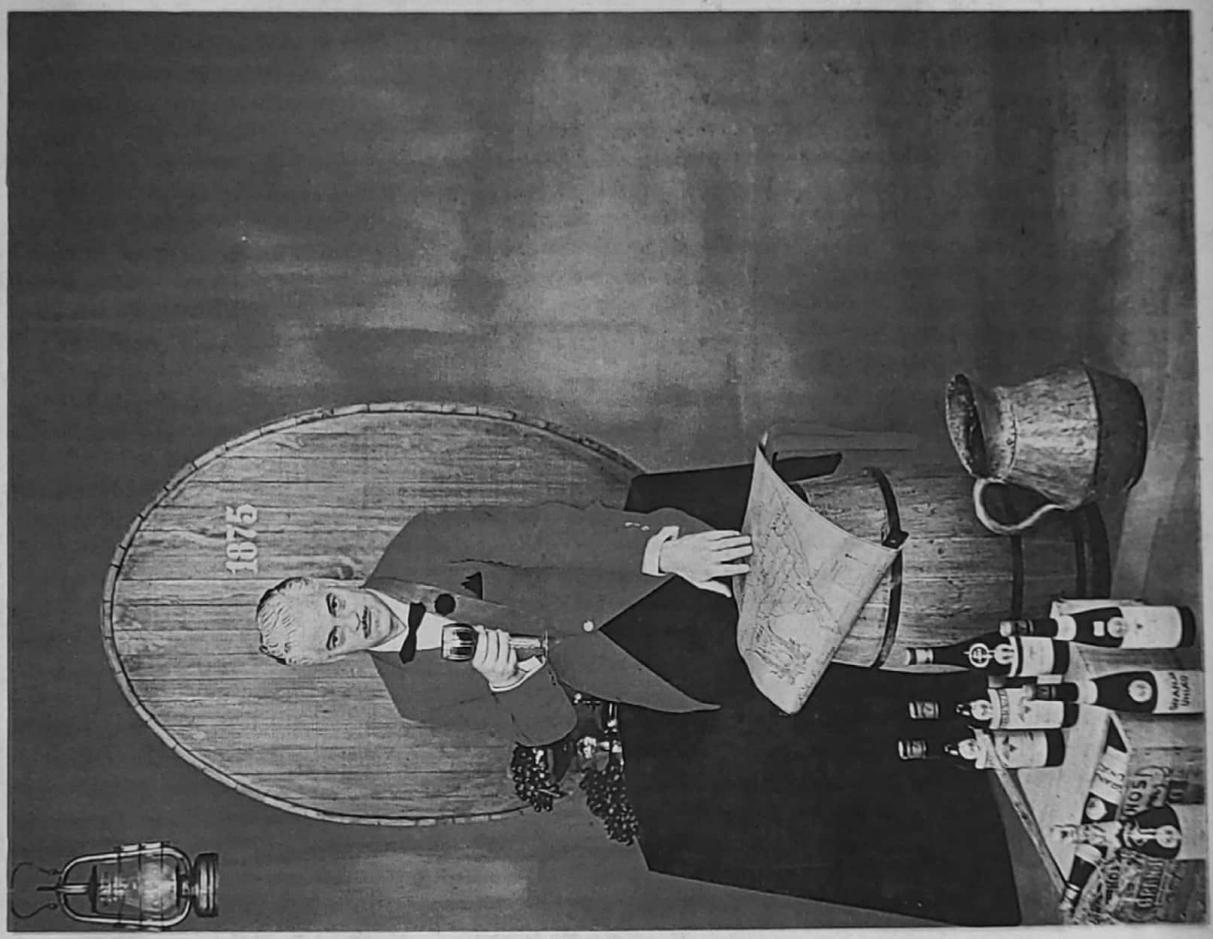
Processo da aprendizagem
Os recursos áudio-visuais na sala de aula
Cartazes: utilização e confecção
Album Seriado: utilização e confecção
O Planelógrafo: utilização e confecção
Mural Didático
Recursos
Utilização do quadro-negro; confecção de stencil
Inteligem

Avaliação:

O curso transcorreu normalmente, o grupo esteve interessado e apresentou um bom trabalho.

3 - VISITAS RECEBIDAS

- 13/4/62 - Lúcia Cardoso Hilgert - Professora de Psicologia da Faculdade de Filosofia da Universidade do RS
Professora Hilda Taba - de INEP
- 8/5/62 - Grupo de 5 Técnicos em Desenvolvimento de Comunidade Rural, de Serviço Social Rural - Conselho Regional do RS
- 6/6/62 - Norma Ferreira Pires, do Centro dos Surdos-Mudos de P. Alegre
Alaor B. Magalhães Filho, do Instituto Agronômico de Sul - Pelotas - RS
Maria F. Guadagnin - da Secretaria da Agricultura do RS
- 26/10/62 - 10 alunas da Escola Normal São João Batista, de Camapuã, RS
- 5/11/62 - Grupo de 10 professoras estagiárias do Curso de Organização de Museus Escolares, promovido pelo Museu Audio-Visual da Secretaria de Educação e Cultura do RS
- 7/11/62 - 7 professoras-alunas do Curso de Pedagogia - 3ª série - da Faculdade de Filosofia da Universidade do RS
- 12/11/62 - 12 professoras estagiárias do Curso de Organização de Museus Escolares promovido pelo Museu Audio-Visual da Secretaria de Educação e Cultura do RS
- 13/11/62 - Grupo de 8 terceiranistas da Escola Normal São José de São Leopoldo
- 14/11/62 - 7 professoras-alunas do Curso de Pedagogia - 3ª série - da Faculdade de Filosofia da Universidade do RS



ANEXO 4B

FLANSCRAFO: POLINIZAÇÃO E FIXAÇÃO DA FLOR

1 -



Temos aqui uma flôr hermafrodita...

2 -



... retirando as pétalas desta flôr, vamos en-
contrar no seu interior os órgãos de reprodu-
ção feminino e masculino.

ÓRGÃO DE REPRODUÇÃO FEMININO

3 -



O órgão de reprodução feminino, GINECEU ou pistilo, quarto verticilo floral, é formado por carpelos. Cada carpelo é formado por uma dilatação inferior - ovário, ...

4 -



... por uma haste - estilete e por uma parte superior achatada - estigma.

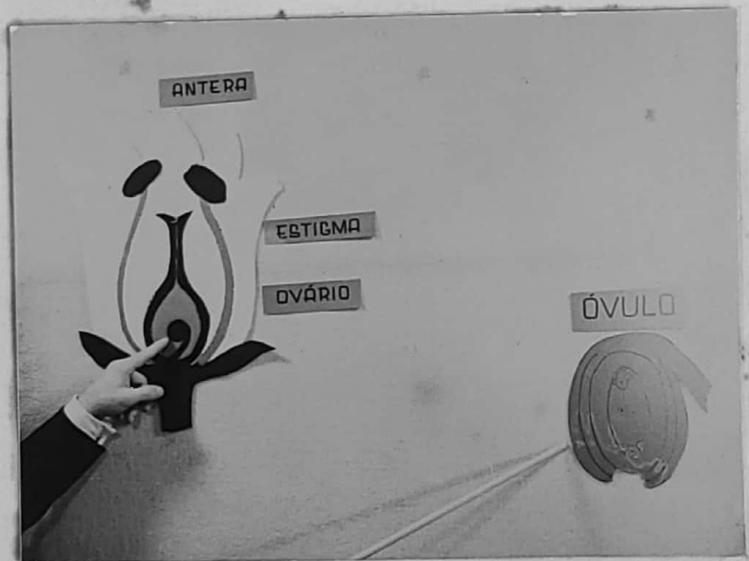
Flora 4 B - fls. 3

5. -



Dentro do ovário do carpelo encontram-se ...

6. -



... corpúsculos globosos chamados óvulos.

7 -



O óvulo é envolvido por um tegumento, o qual é formado por uma membrana externa (primária) e por uma membrana interna (secundária).

Estas membranas não são contínuas e apresentam uma abertura chamada micrópila, destinada à fecundação do óvulo.

O tegumento recobre um conjunto de células que recebe o nome de nucela. A nucela e o tegumento são fixados ao ovário por um eixo de sustentação chamado funículo.

Há um grupo de células da nucela que, por tomar papel importante na formação do embrião da planta, recebe o nome de saco embriônico.

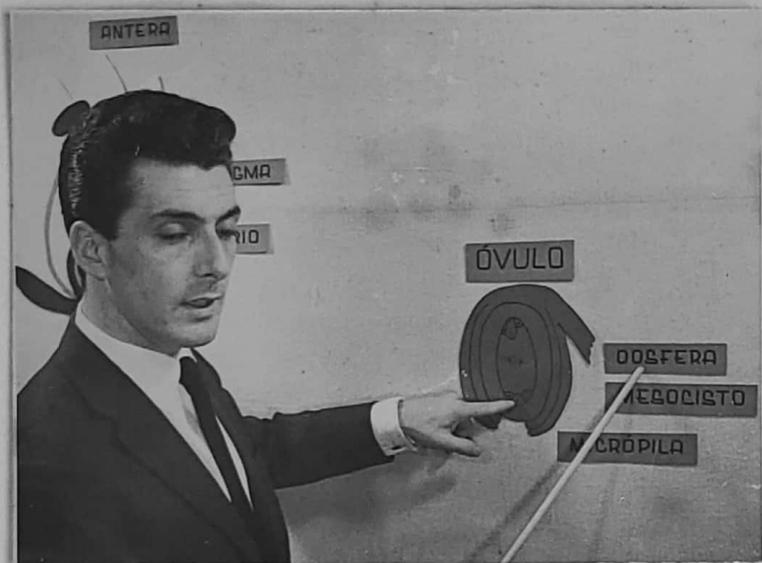
8 -



Entre as células do saco embriônico há uma mediana chamada megocisto...

Anexo 4 B - fls. 5

9 -



... e outra chamada oosfera, muito importantes.

ÓRGÃO DE REPRODUÇÃO MASCULINO

10 -



O órgão de reprodução masculino, ANDROCEU, terceiro verticilo floral, é formado de fôlhas profundamente modificadas, chamadas estames.

Cada estame é formado do filete conetivo e antera, região dilatada, presa à extremidade do filete.

11 →



Dentro da antera encontram-se ...

12 →

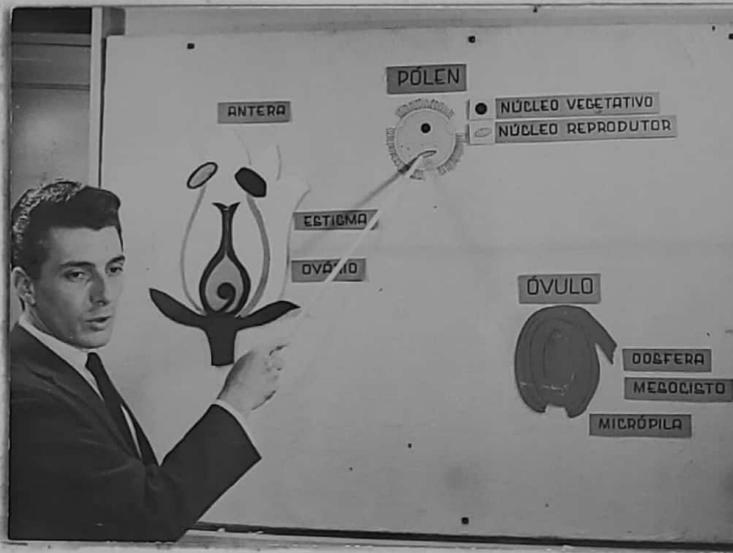


... corpúsculos geralmente esféricos e de
dôr amarela, chamados grãos de pólen - cé-
lulas reprodutoras masculinas.

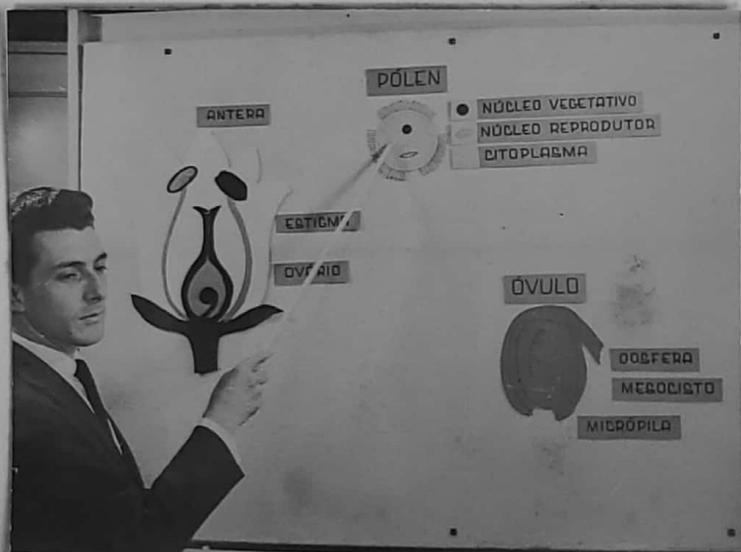
Anexo 4 B - fls. 7



13 - Dentro do grão de pólen encontra-se: o núcleo vegetativo...

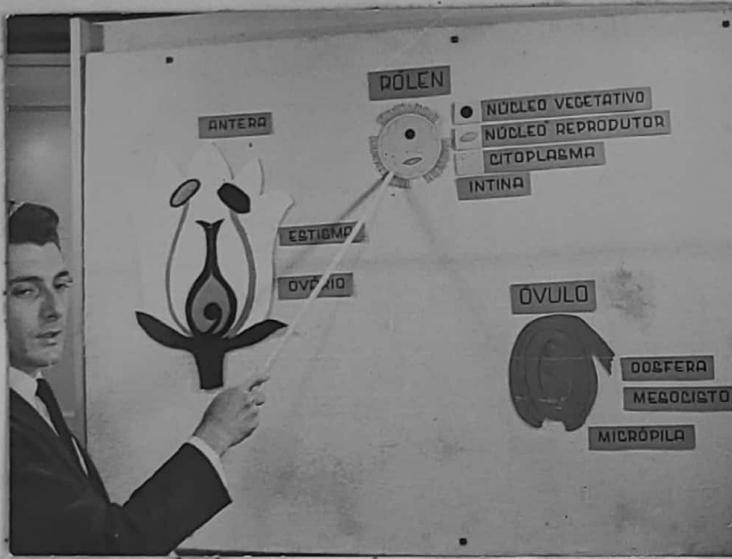


14 - ... o núcleo reprodutor ...



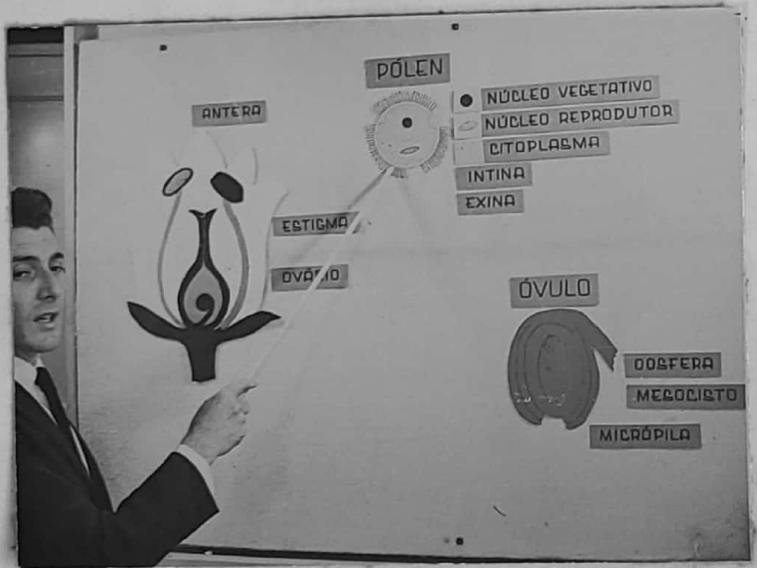
15 - ... o citoplasma...

16 -



... a intina ...

17 -



... e a exina.

POLINIZAÇÃO E GERMINAÇÃO DO PÓLEN

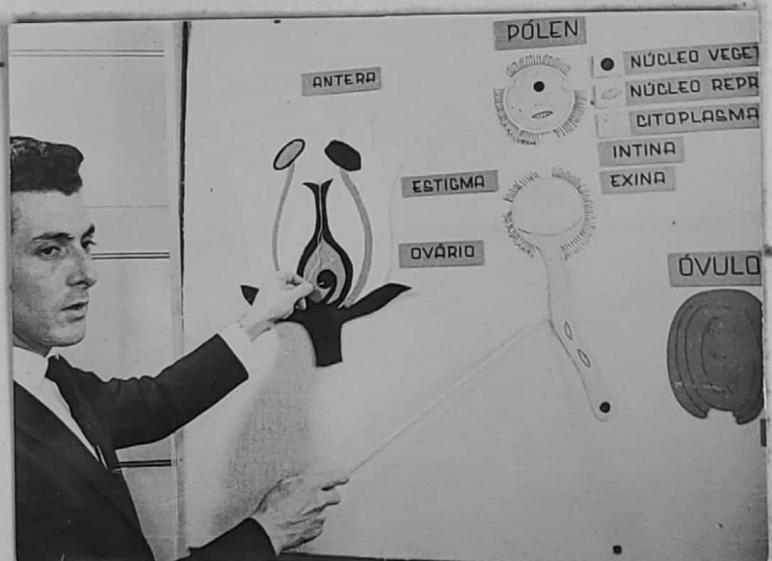
18 --



A Polinização é o transporte do grão de pólen da antera para o estigma do carpelo; é realizada com o auxílio do vento, dos insetos, das aves, etc..

O grão de pólen é fixado ao estigma pelas saliências da exina e também por meio de uma secreção viscosa das células estigmáticas. O grão de pólen absorve substâncias e se entumesce. Rompe-se a exina ...

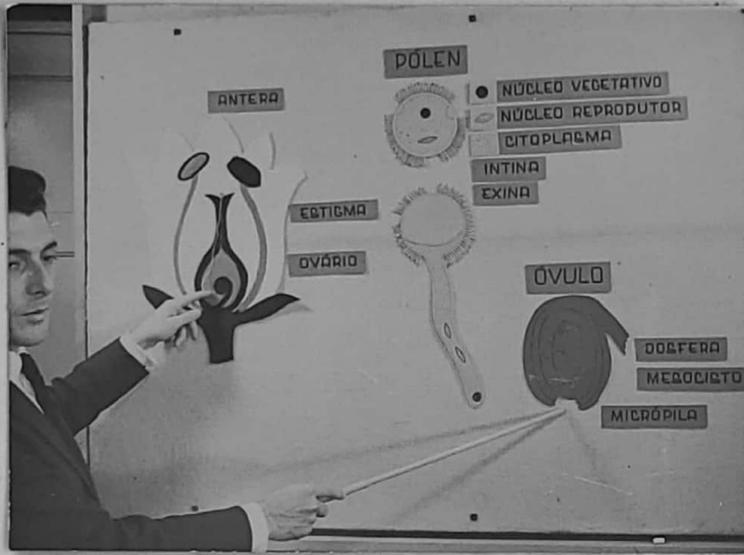
19 --



... e o citoplasma se projeta, envolvido pela intina, formando o tubo polínico.

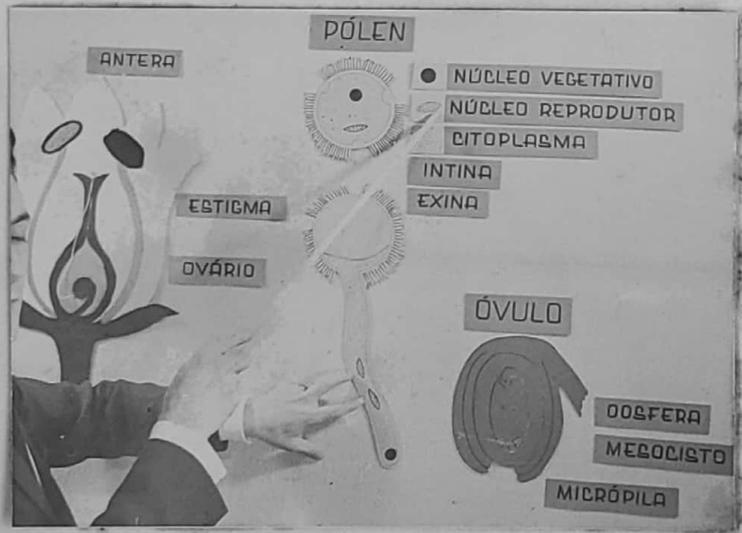
O tubo polínico cresce, atravessa o canal do estilete, entra no ovário e ...

20 -



... penetra em um óvulo pela micrópila.

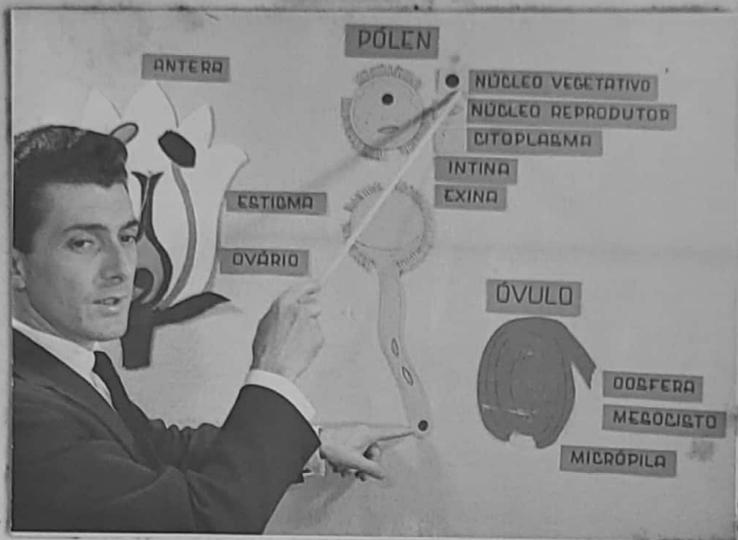
21 -



O núcleo reprodutor que acompanha o tubo polínico divide-se em dois, originando dois núcleos reprodutores chamados núcleos espermáticos.

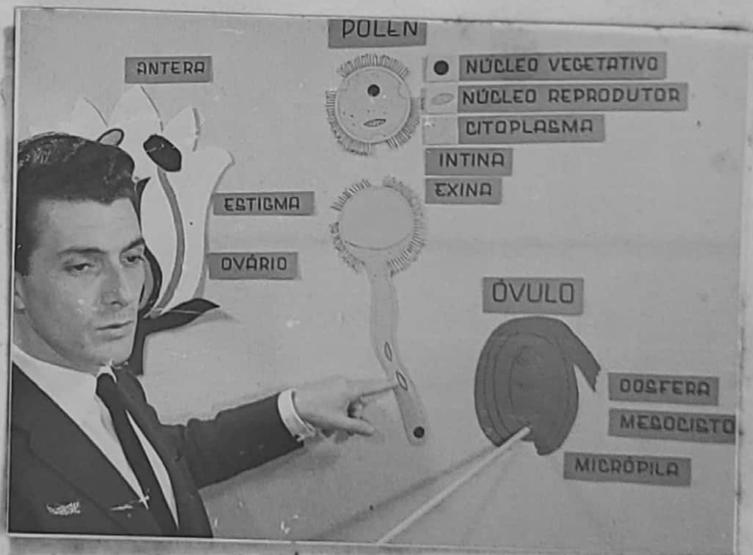
FEQUINDAÇÃO PROPRIAMENTE DITA:

22 -



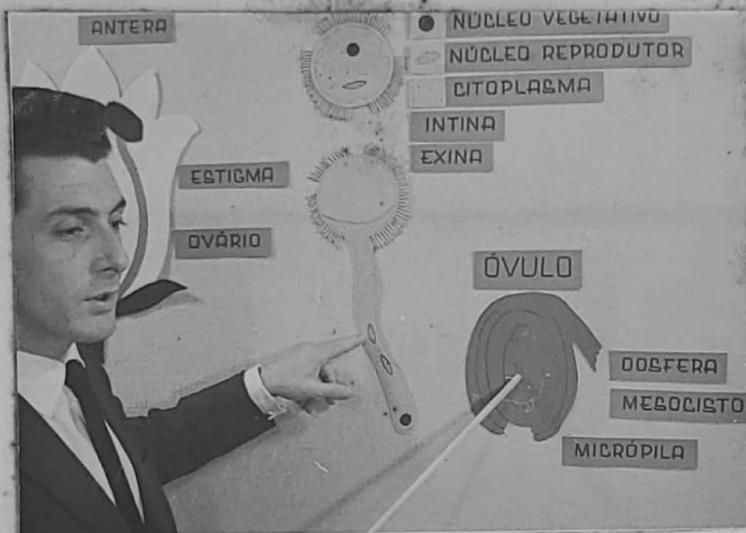
Quando o tubo polínico chega ao saco embri-
onário, o núcleo vegetativo que fica na ex-
tremidade do tubo polínico, se atrofia e de-
saparece.

23 -



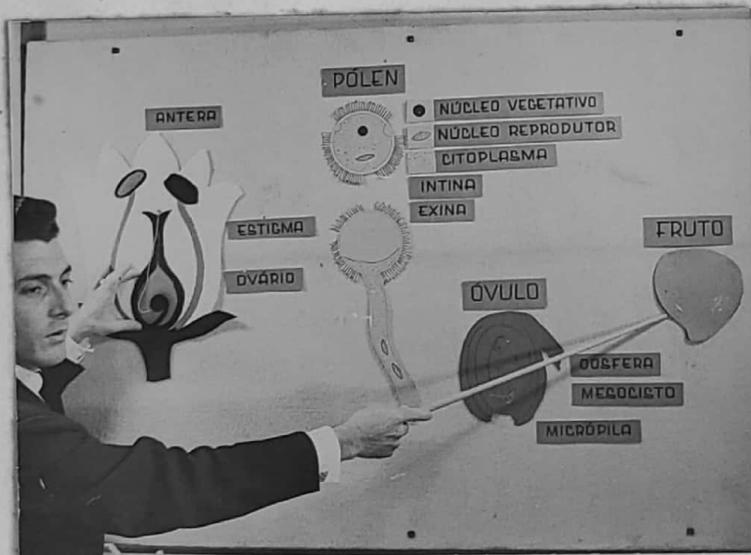
Um dos núcleos espermáticos funde-se com a
oosfera, formando a célula-ovo que irá dar
origem ao embrião; ...

24 -



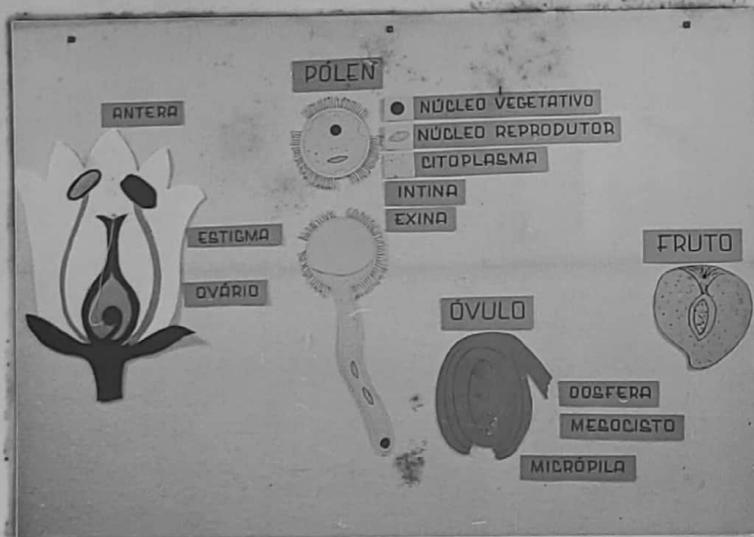
... e outro núcleo espermático funde-se com o mesocisto e após uma série de transformações, dá origem ao albume da futura semente.

25 -



Determinada a fecundação, o ovário se desenvolve, dando o fruto, ou seja, o fruto é o ovário fecundado e desenvolvido.

VISTA GERAL DO FLANELÓGRAFO



ANEXO 5

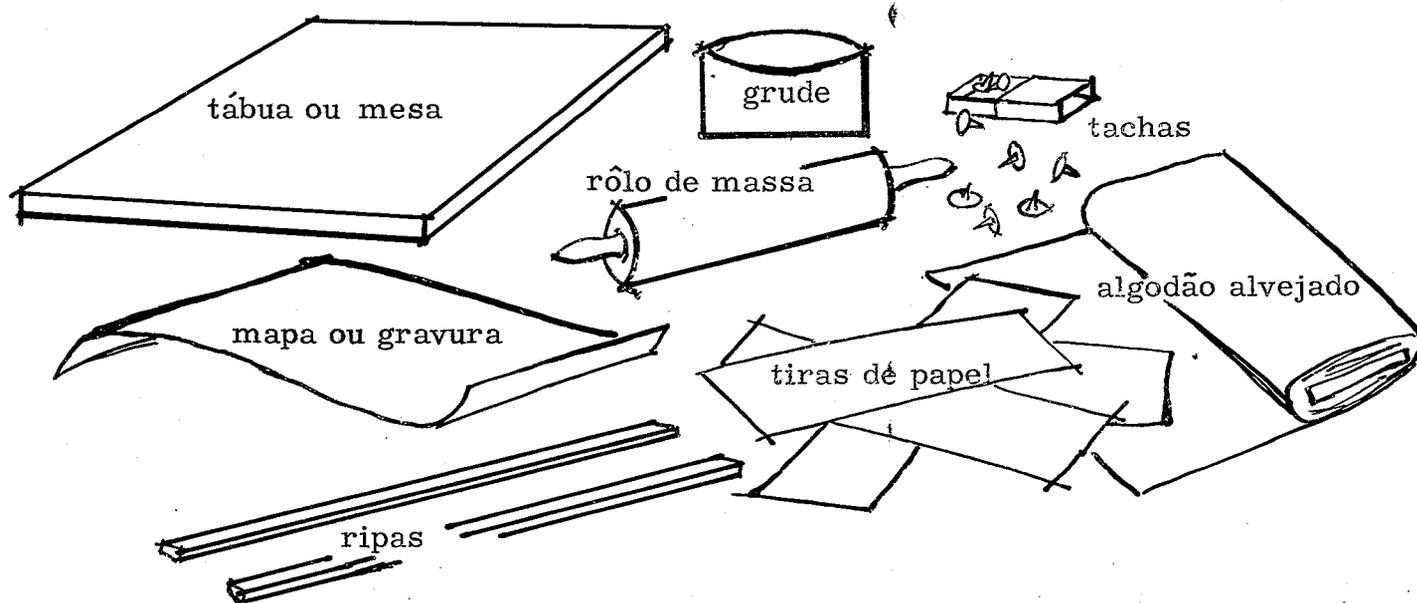


ANEXO 6



Planejado e impresso no
Centro Áudio-Visual da
CNER. em Pôrto Alegre

ENTELAGEM DE MAPAS E GRAVURAS



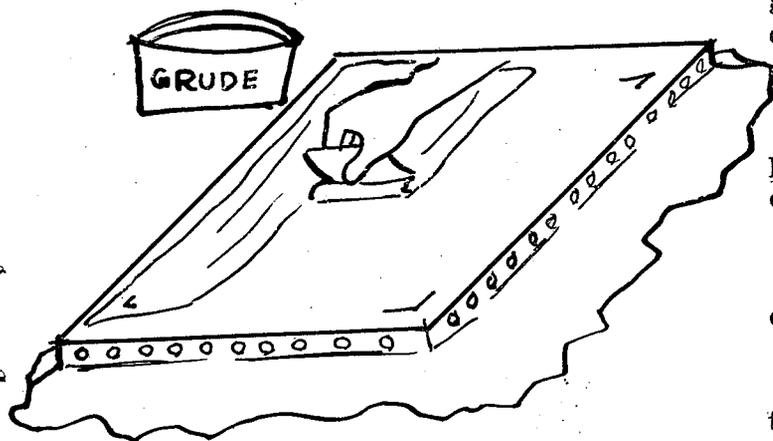
ÊSTE É O MATERIAL DE QUE VOCÊ PRECISARÁ PARA ENTELAR O SEU MAPA OU SUAS GRAVURAS.

VEJA COMO É FÁCIL

1) Misture farinha de trigo peneirada, e água, fazendo um mingau ralo, sem leva-lo ao fogo. Faça uma quantidade que dê para o tamanho do mapa.

2) Corte um pedaço de algodão alvejado, maior que o papel do mapa, quatro centímetros de cada lado. Deixe a fazenda de mólho durante uns 10 minutos.

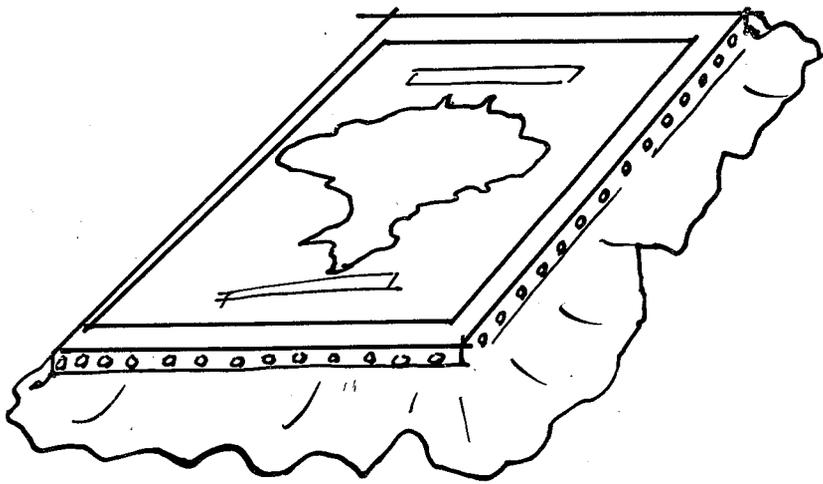
3) Esprema o pano e estique-o bem sôbre a mesa ou tábua de superfície lisa; pregue o com tachinhas no lado A da Fig. 1. em seguida no lado B. Puxe bem a fazenda e prenda-a nos lado C e D.



4) Coloque o mapa ou gravura sôbre o pano e faça uma marca, que corresponda as quatro extremidades da gravura.

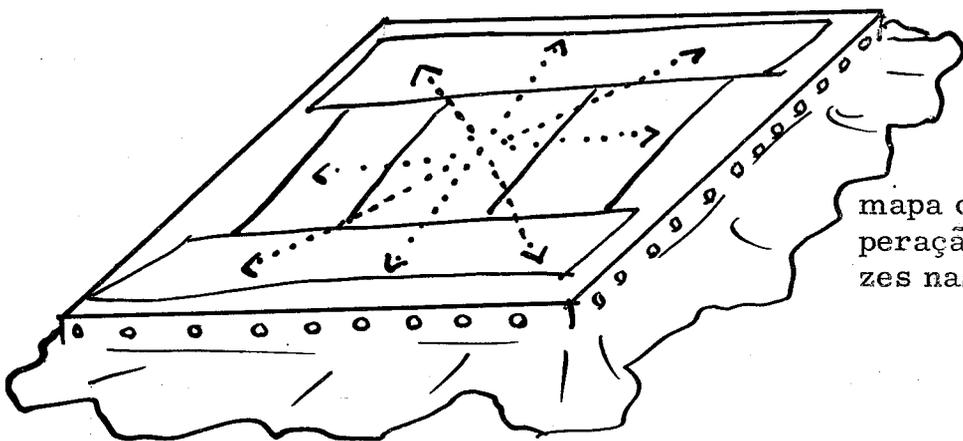
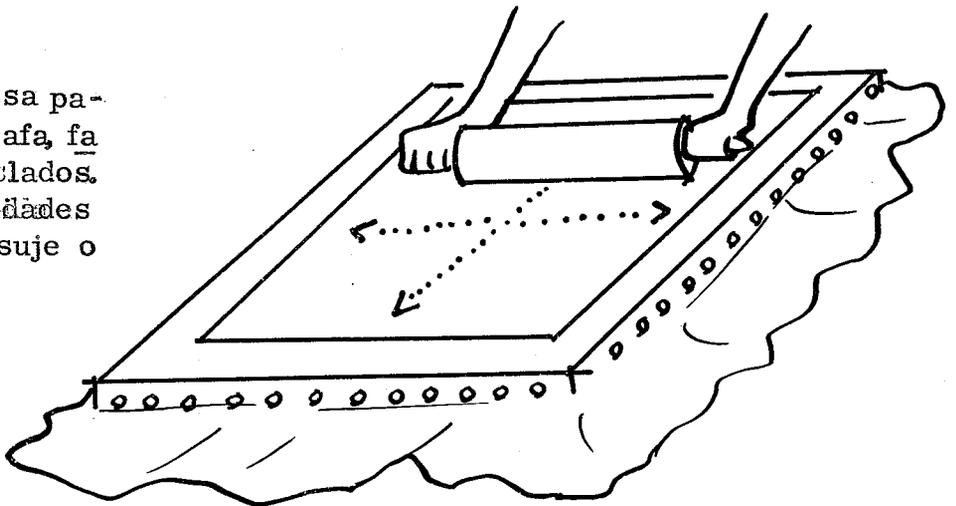
5) Vire o mapa sôbre papel, no chão, e molhe-o bem.

6) Espalhe com a mão, pedaço de cartão ou rúncel, o grude de trigo sôbre o pano molhado.



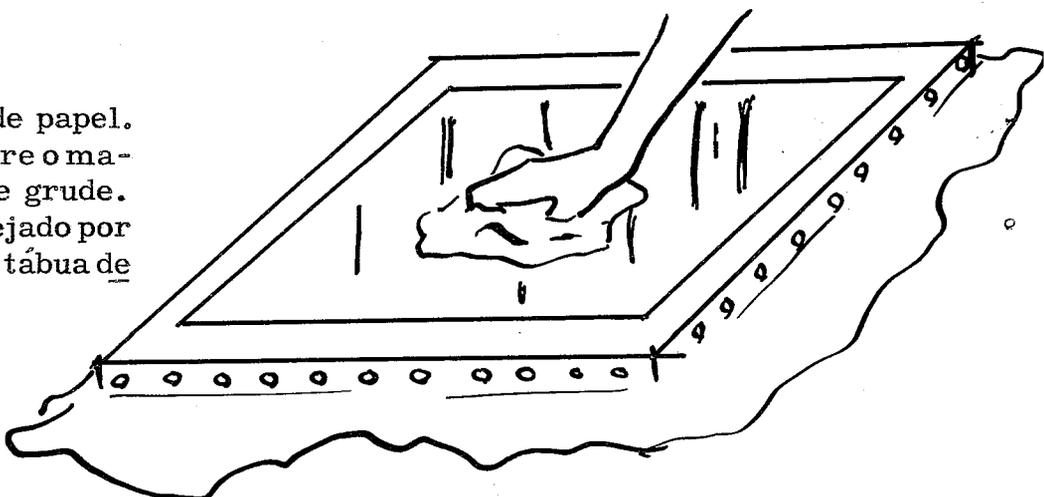
7) Coloque o mapa com o verso voltado para o pano. Estique bem alinhando-o com as mãos.

8) Como se esticasse massa para pastéis, use um rôlo ou garrafa, fazendo pressão do centro para os lados. Pare antes de atingir as extremidades para que o excesso de pasta não suje o rôlo.

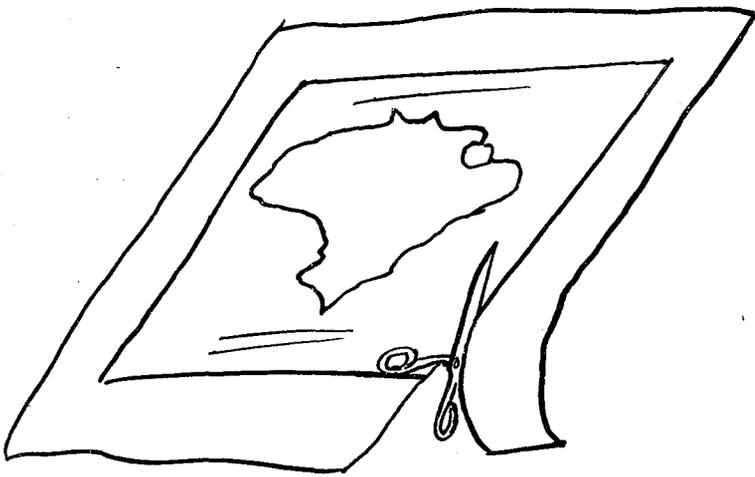


9) Proteja as extremidades do mapa com tiras de papel e repita a operação com o rôlo, duas ou três vezes nas direções indicadas pelas setas.

10) Remova as tiras de papel. Passe um pano molhado sobre o mapa para retirar os restos de grude. Deixe-o secar em lugar arejado por 24 horas. Retire o mapa da tábua de pois de sêco.



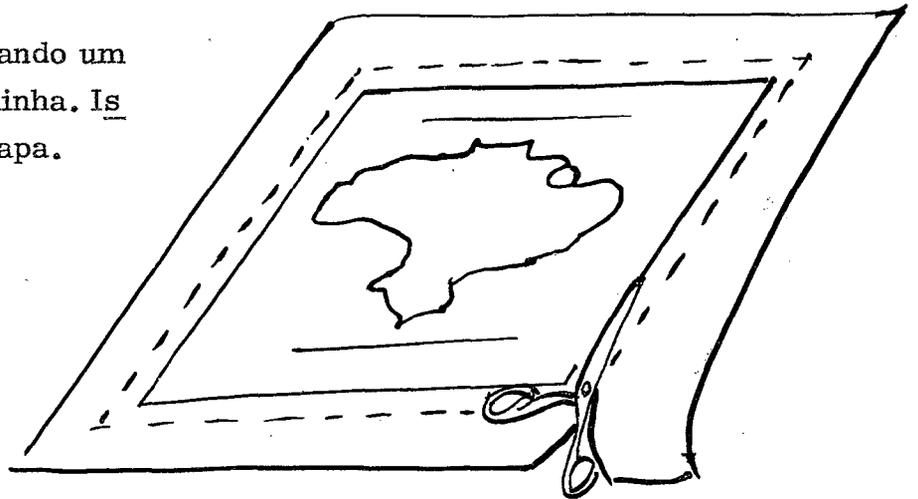
COMPLETE O SEU TRABALHO:



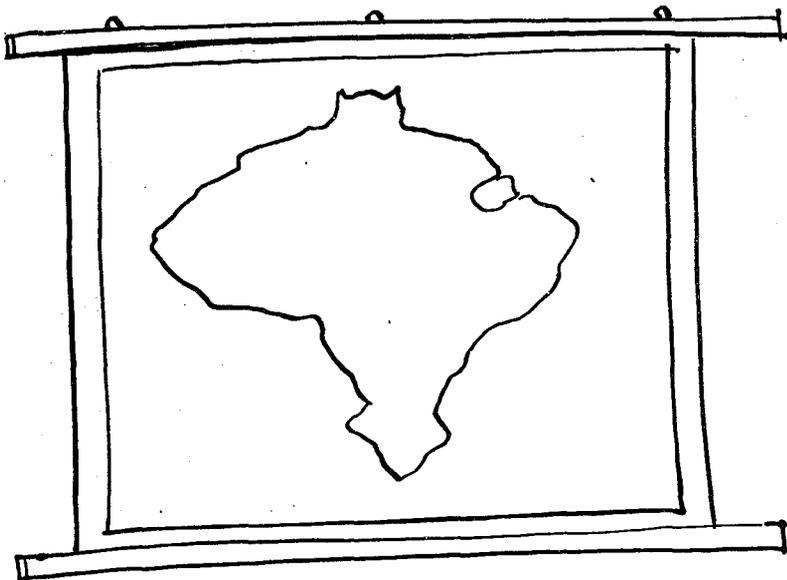
1) Recorte o pano em volta papel entelado.

OU:

2) Recorte a fazenda, deixando um pedaço que dê para fazer uma bainha. Isto protegerá ainda mais o seu mapa.



OU:



3) Ponha uma fita gomada de um lado e do outro da largura e, nos lados superior e inferior, pregue ri pas.

Para os 3 processos de acabamento, pode-se fazer furos no lado su perior do mapa, para melhor fixá-lo à parede.

O QUADRO ELÉTRICO DE TESTES É UM ATRAENTE RECURSO VISUAL
PARA TESTAR CONHECIMENTOS.

É caracterizado por um painel composto de dois terminais, uma lâmpada de lanterna, onde também estão escritos as perguntas e respostas.

No verso desse painel é colocado um circuito elétrico ligando perguntas e respostas. Toda vez que um dos terminais do quadro é colocado numa pergunta e o outro na resposta correspondente, fecha-se o circuito ligando a lâmpada do quadro.

Confecção: As perguntas que podem variar em número de dez a quinze devem ser escritas numa folha de cartolina previamente planejada de acordo com as posições relativas dos contatos.

Utilização: O quadro elétrico de testes pode ser usado no ensino de formas geométricas, história, geografia, conhecimentos gerais, ciências, etc..

De acordo com o local podemos usá-lo em: cavalete, na parede, mesa, etc..

Material: Um pedaço de Eucatex ou papelão grosso, medindo 40 x 60 cm.

Parafusos com porca, sendo um par para cada fio

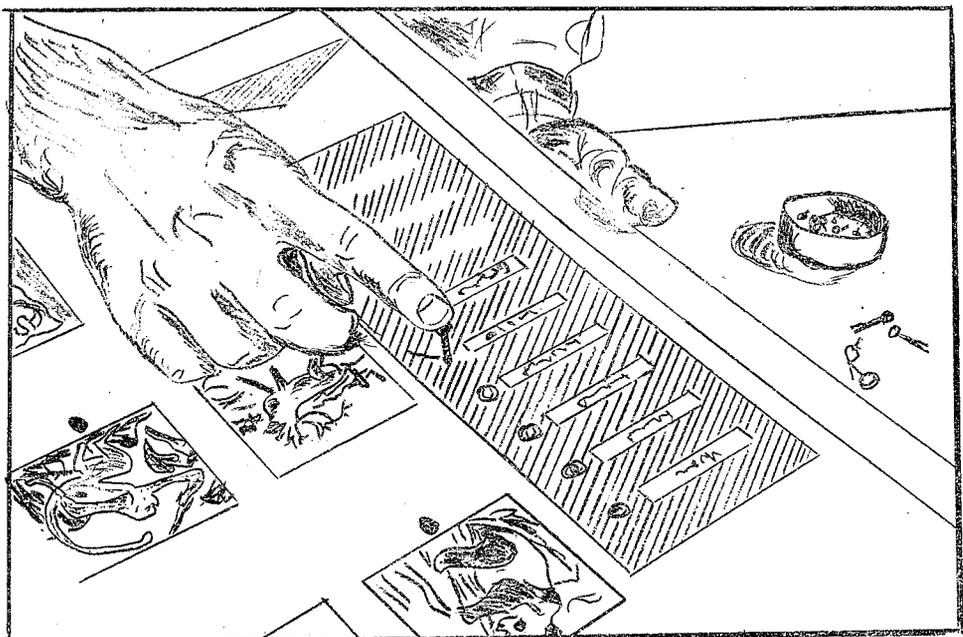
2 pilhas de lanterna 1,5 volt

1 lâmpada de lanterna 1,5 volt

1 suporte para segurar as pilhas

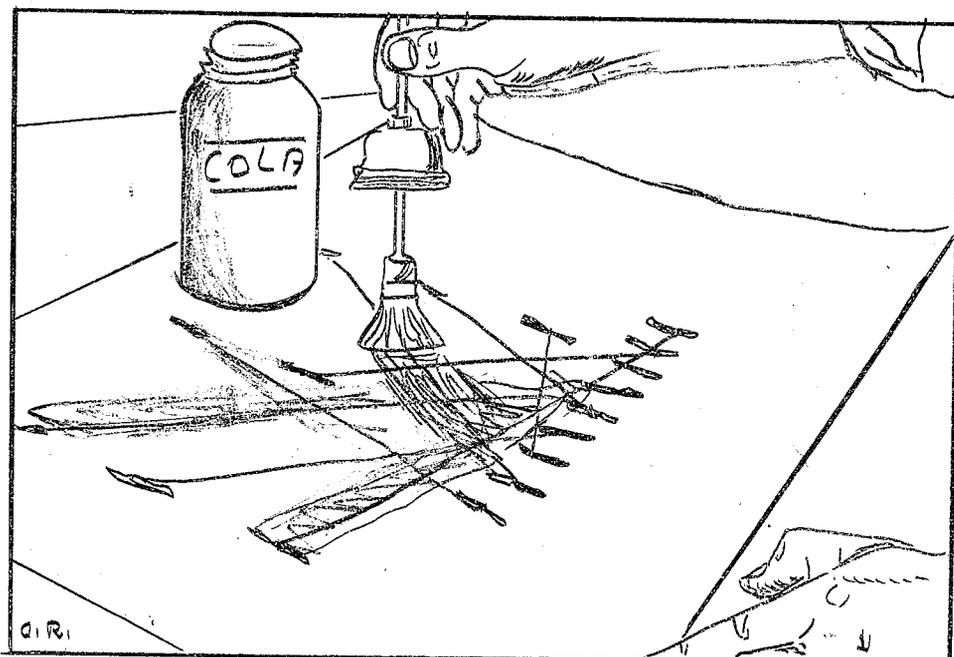
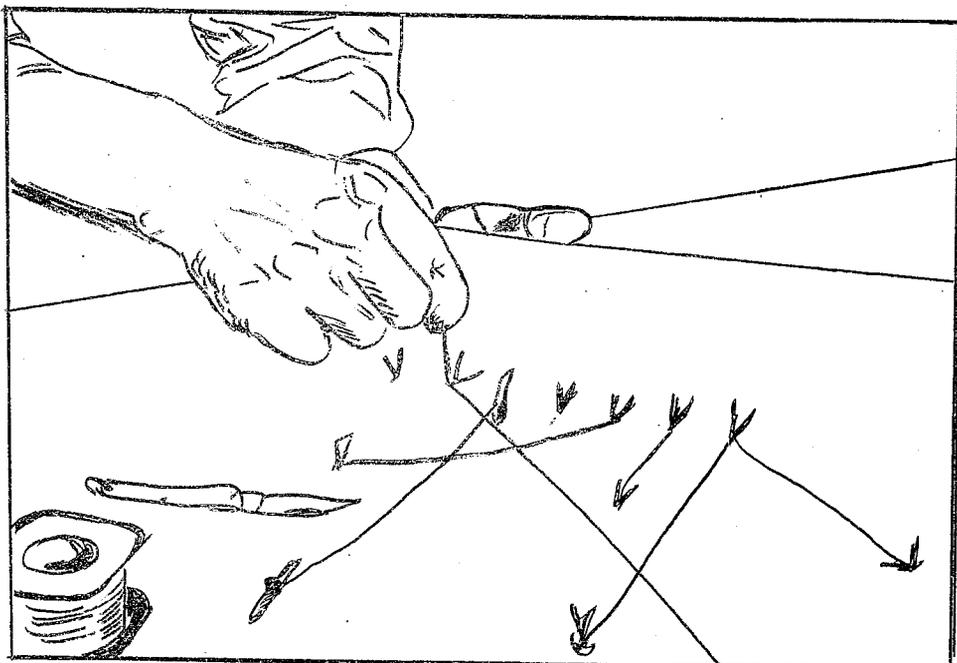
2 parafusos

1 suporte para lâmpada.



Faça um furo e, coloque os pinos ou parafusos, um na pergunta e outro na resposta.

O circuito elétrico é colocado no verso ligando os pinos correspondentes à pergunta e resposta.



Estando o circuito feito, passe com o pincel uma leve camada de cola de sapateiro, para proteção dos fios.

Centro Regional de Pesquisas Educacionais
 Serviço de Recursos Áudio-Visuais
 Cidade Universitária - São Paulo

Reproduzido pelo Centro Áudio-Visual da C.N.E.R. em
 Pôrto Alegre - R. G. do Sul

FOTOGRAFIAS E GRAVURAS

Ao falarmos de fotografias e gravuras devemos fazer, unicamente para fins de estudo, uma diferenciação entre ambas. Consideremos como fotografias todo o material que esteja em papel fotográfico e como gravuras, aqueles em qualquer outro tipo de papel-jornais, revistas, etc..

- " Uma boa fotografia ou gravura diz alguma coisa tão bem que não poderia ser dita melhor através de nenhum outro meio ".

- " O melhor em uma boa fotografia ou gravura é a idéia que ela traz em si ".

- " Uma das vantagens da fotografia é que podemos tirá-la de acôrdo com as nossas necessidades ".

I - Vantagens da utilização para o ensino:

- A - preço acessível;
- B - abundantes;
- C - fácil aquisição;
- D - dispensam equipamento especial.

II - Uso:

- A - no quadro de avisos;
- B - em exposições;
- C - no flanelógrafo;
- D - como símbolos em mapas, gráficos, etc.;
- E - para serem transformadas em transparências;
- F - no projetor opaco.

Independentemente do uso que fizermos das fotografias ou gravuras, elas servirão para:

1. iniciar unidades de trabalho;
2. ilustrar aulas;
3. recordar um assunto já dado em classe.

III - Obtenção:

- A - jornais;
- B - revistas;
- C - publicações especializadas;
- D - tirando nós mesmos as fotografias.

NOTA: Não esquecer a importância da participação dos alunos e pais na obtenção dos materiais educativos.

IV - Avaliação:

Todo material usado em classe deve possuir certas qualidades para que possa ser considerado educativo. É preferível não usar material algum se o que temos não pode produzir o efeito que desejamos.

Para a avaliação de fotografias e de gravuras devemos considerar:

- A - Efeito desejado. É preciso analisar o material e ver se ele produz o efeito que desejamos: transmitir uma informação, criar um impacto emocional, ou ainda dar uma satisfação estética.
- B - Audiência. Antes de selecionarmos qualquer material a ser usado em classe, é necessário considerarmos a audiência para a qual vamos usá-lo. Não se deve esquecer que a idade, o interêsse e a experiência anterior sôbre o assunto são de grande importância para a correta interpretação e compreensão do material apresentado. Também o assunto deve ser considerado para determinar a necessidade do uso.

Muitas vêzes pensamos que, pelo fato de uma fotografia ou gravura ser vista por todos, ela é compreendida por todos. Em alguns casos isso é verdade. Mas em geral ela pode ser interpretada de maneira diversa por diferentes indivíduos.

- C - Expressão. Uma fotografia ou gravura é expressiva através de quatro elementos:
1. assunto ou conteúdo, isto é, a idéia que traz em si;
 2. luz - é um detalhe técnico, mas de grande importância. A forma pela qual a luz é utilizada pode tornar a fotografia ou gravura expressiva, salientando o que há de mais importante. Por exemplo, quando se quer mostrar processo manual, a luz deve ser dirigida às mãos que estão trabalhando;
 3. perspectiva - a fotografia deve ser tomada de forma a não produzir uma impressão falsa quanto à perspectiva;
 4. composição - a distribuição dos elementos que constituem a fotografia ou gravura deve ser harmoniosa e atraente; ao mesmo tempo, deve chamar a atenção para o elemento principal.

Ao avaliarmos fotografias ou gravuras com finalidades educativas, devemos procurar certas qualidades. Essas qualidades podem ser divididas em dois grupos: qualidades técnicas e qualidades educativas.

1 - Qualidades técnicas.

A fotografia ou gravura quanto às suas qualidades técnicas deve ser:

- a) artística: a fotografia ou gravura é atraente? Possui os princípios fundamentais de proporção, perspectiva, simplicidade, equilíbrio e unidade?

- b) clara e definida: os objetos mais significativos estão bem delineados?
- c) perfeita, de um ponto de vista puramente mecânico, é perfeita, sem erros?
- d) prática: se é para ser usada em uma discussão em grupo, é ela suficientemente grande para ser vista por todos? Se é para uso individual, é de tamanho suficiente para ser manejada? É suficientemente grande para ser estudada sem grande esforço visual?
- e) colorida apropriadamente: a cor é essencial? Se é colorida, as cores são verdadeiras e artísticas?

2 - Qualidades educativas.

- a) verdadeira: a gravura representa uma situação verdadeira ou é cópia de um desenho ou pintura glamorizados? É típica ou rara? É natural?
- b) autêntica: os fatos ou fontes da gravura são suficientemente confirmados?
- c) apropriada: a gravura é relacionada com o assunto em estudo? É apropriada à idade dos alunos aos quais é mostrada? Está em seu nível de interesse e compreensão?
- d) significativa: a gravura mostra um fato, acontecimento ou objeto de importância? Dirige a atenção a fatos significativos ou são estes obscurecidos por fatos de menor importância?
- e) estimulante: a gravura possui características que possam ser usadas pelo professor a fim de desenvolver atividades de pensamento? Ela desperta perguntas e problemas? Mostra procedimento, vida das pessoas, aspecto humano etc., em lugar de somente pontos de vista?
- f) sugere tamanho: a gravura inclui algum objeto conhecido pelo qual uma comparação clara de tamanho possa ser feita?

V - Elementos de uma fotografia

A - distância: há em fotografia três distâncias fundamentais:

- a) foto tirada de longe - dá uma idéia da situação em geral;
- b) foto tirada a uma distância menor - apresenta alguns detalhes;
- c) foto tirada de perto - dá detalhes precisos.

Não há medidas precisas de distâncias. A mesma fotografia que em uma sequência qualificamos como sendo tomada de perto, em outra sequência poderá ser qualificada como sendo uma tomada de longa distância. Imaginemos as seguintes sequências:

1. tomada de longa distância - fotografia de uma paisagem vendo-se ao centro uma casa, montanhas ao fundo. (fig. 1.)
2. tomada de meia distância - fotografia mostrando a casa mais de perto, uma pessoa à porta. (fig. 2.)
3. tomada de perto - fotografia pegando quase só a porta, pessoa à porta. (fig. 3.)

A primeira fotografia dá uma idéia geral da situação. A segunda apresenta mais detalhes e a terceira é bastante detalhada.

Numa outra sequência, esta terceira foto poderá ser considerada como uma tomada de longa distância. Vejamos:

1. tomada de longa distância - fotografia mostrando quase só a porta de uma casa, pessoa à porta. (fig. 3.)
2. tomada de meia distância - fotografia mostrando somente a parte superior do corpo da pessoa. (fig. 4.)
3. tomada de perto - fotografia do rosto da pessoa. (fig. 5.)

B - Ângulo para tirar a fotografia

- a) alto - a fotografia tirada de cima para baixo dá ao objeto ou pessoa fotografada uma aparência de inferioridade, sentido dramático, depreciativo;
- b) normal - uma foto que parece natural, sem exageros;
- c) baixo - na foto tirada de baixo para cima o objeto ou pessoa aparece com superioridade, poder, força.

C - Plano para tirar a fotografia.

- a) frontal
- b) posterior
- c) lateral
 - direito
 - esquerdo
- d) oblíquo

O plano é escolhido de acordo com o que desejamos mostrar na fotografia.

VI - Conservação - Montagem

"Uma fotografia ou gravura que merece ser usada, merece ser conservada".

A - A montagem de uma fotografia ou gravura tem a finalidade de:

1. proteger, dar vida mais longa;
2. valorizar;
3. facilitar seu uso;
4. facilitar arquivamento;
5. facilitar seu uso no projetor opaco, quadro de avisos, flanelógrafo, etc..

A montagem consiste em se colar a fotografia ou gravura em um papel mais resistente a que chamamos de "fundo". O "fundo" pode ser de cartolina que é um papel mais leve e frágil ou em papel cartão, que é mais pesado e resistente.

B - Ao se fazer a montagem, deve-se levar em consideração os seguintes fatores:

1. côr

- a) deve-se usar como fundo uma côr que se harmonize com as côres da fotografia ou gravura
- b) o fundo deve ser de uma côr que não distraia a atenção.

2. tamanho

O tamanho do fundo deve estar em harmonia com o tamanho da fotografia ou gravura. Aqui entra também a questão de gosto individual.

3. uso a ser feito do material;

4. forma da fotografia ou gravura

Quanto ao fundo:

- a) margem inferior - sempre maior que a superior e que as laterais (fig. 6.)
- b) margem superior
 - nas fotografias ou gravuras quadradas, igual às laterais (fig. 6.)
 - nas fotografias ou gravuras verticais, mais largas que as laterais (fig. 7.)
 - nas fotografias ou gravuras horizontais, mais estreita que as horizontais (fig. 8.)

C - Processos de montagem:

1. cola de sapateiro

- a) montagem permanente
- b) montagem temporária
(ver a apostila sobre montagem)

2. papel cola (montagem permanente).



fig. 1.

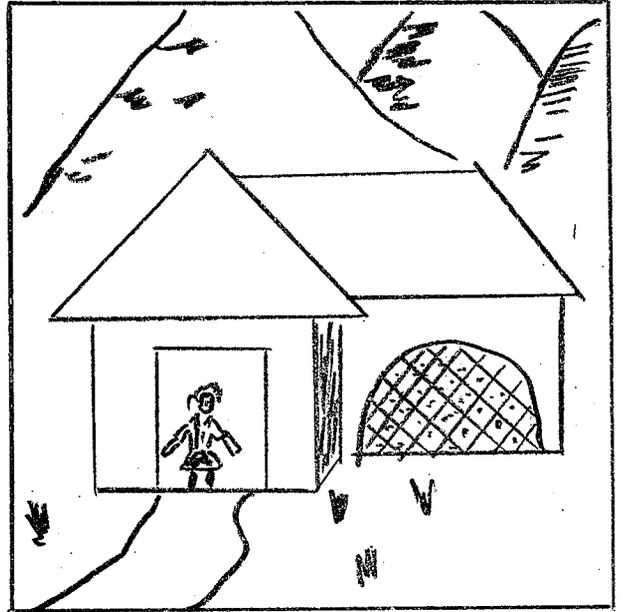


fig. 2.

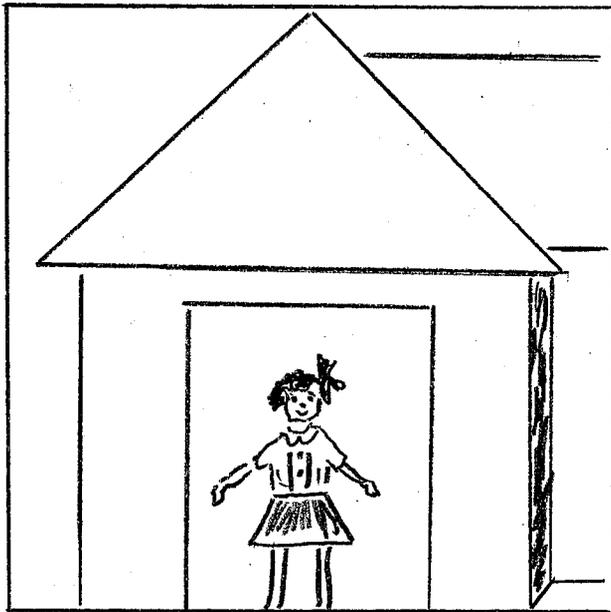


fig. 3.



fig. 4.

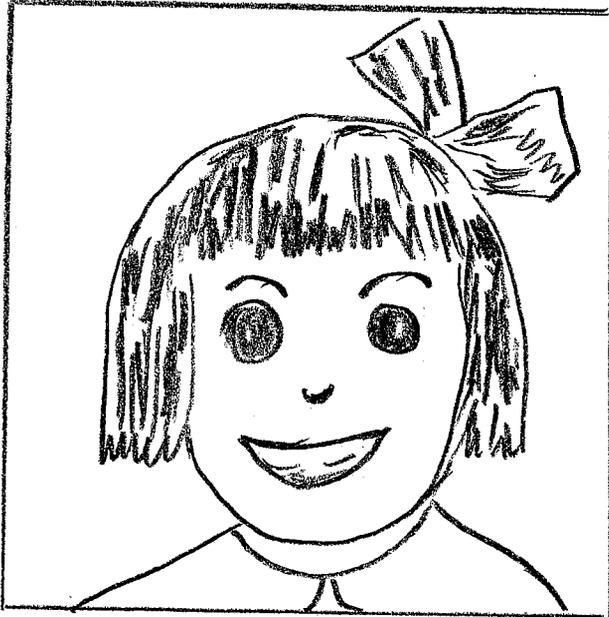


fig. 5.

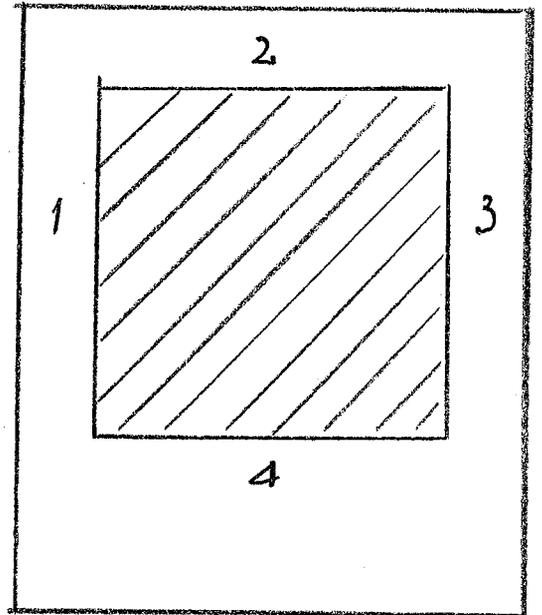


fig. 6.

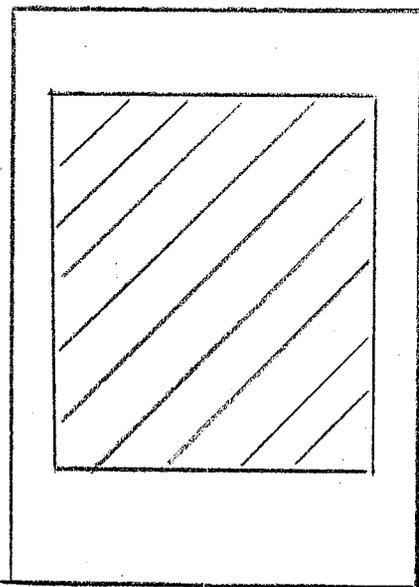


fig. 7.

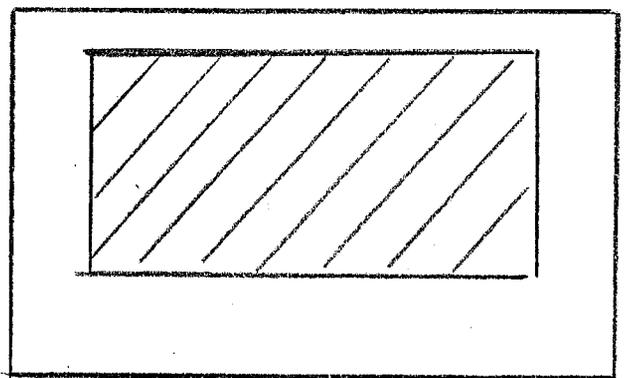
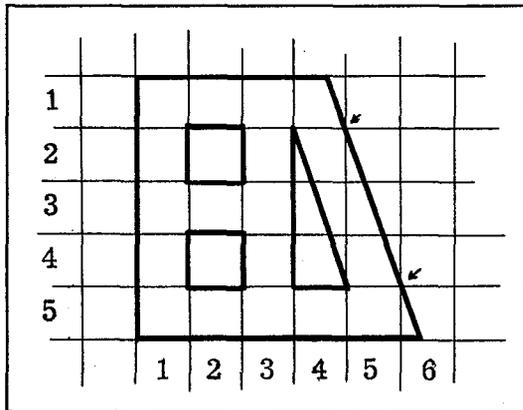
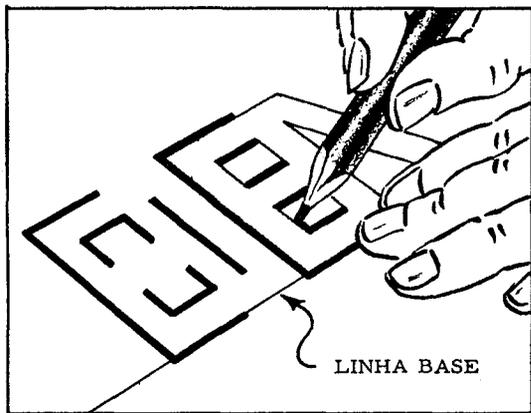


fig. 8.

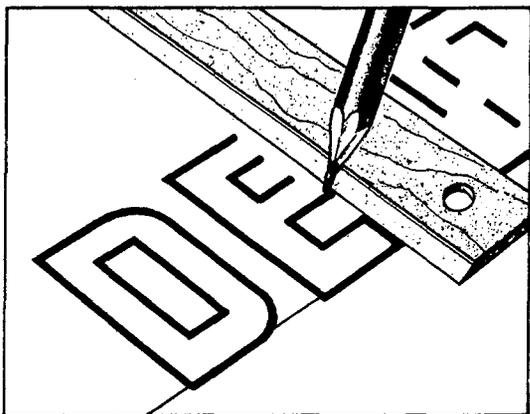
COMO UTILIZAR O NORMÓGRAFO



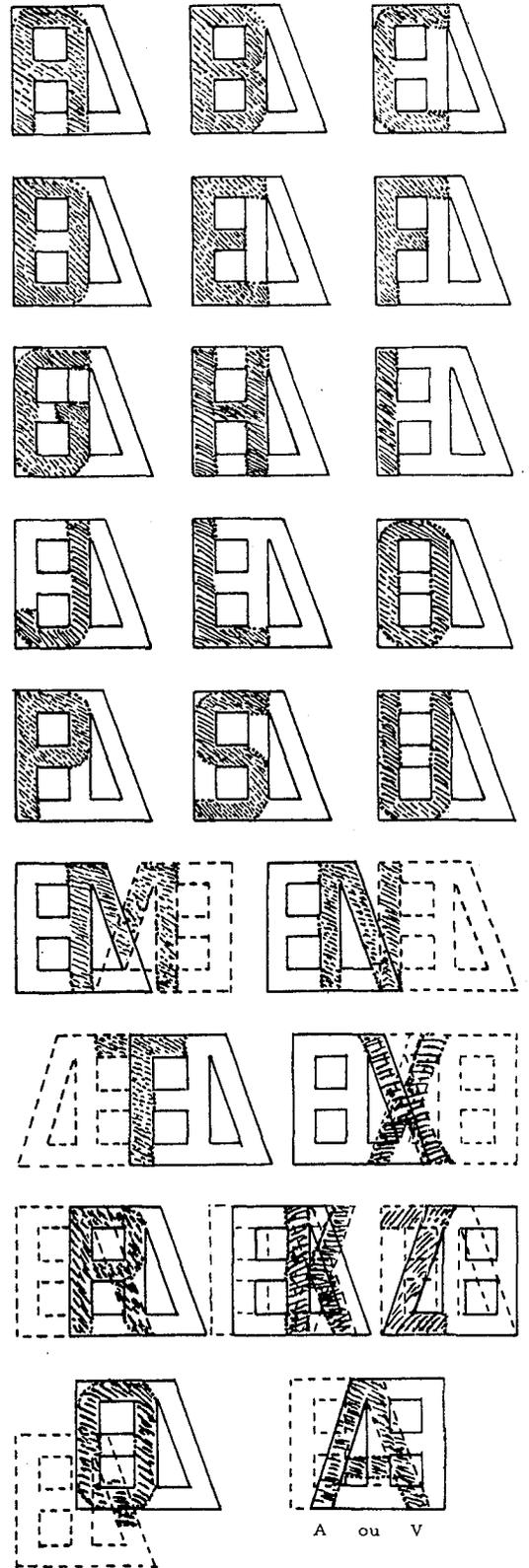
Faça um quadriculado da altura desejada para as letras, sôbre cartão. O exemplo acima proporciona letras de 3,5cms. de altura. Trace o normógrafo e recorte com extremo cuidado.



Trace uma linha base para as letras. Utilize o normógrafo para traçar apenas o contôrno das letras desejadas.



Com uma régua, complete os traços interrompidos. Arredonde os cantos à mão livre.



NORMAS PARA A ORGANIZAÇÃO DE CAMPANHAS

Chamamos de campanha a um movimento que visa mobilizar a opinião pública, no sentido de uma ou mais ações, tendo em vista alcançar um resultado específico em benefício da comunidade. Pode ser de prazo curto, ou não determinado mas razoavelmente previsível. Pode ser isolada, diante de uma situação de emergência, quando assume caráter corretivo; pode ser intermitente - anual, bienal, etc. - quando assume caráter essencialmente educativo.

Exemplos: campanha contra a epidemia de gripe denominada "asiática" (isolada); campanhas de "reflorestamento", "trânsito", etc. (intermitentes).

Princípio básico

Para que seja eficiente e produza os resultados esperados, a campanha deve ser objetiva, específica e concentrada.

ETAPAS

Na organização de uma campanha devemos considerar cinco etapas:

1. Planejamento
2. Preparo de pessoal
3. Produção de materiais
4. Execução
5. Avaliação

1. Planejamento

- a - Organizar o grupo de trabalho - divisão de responsabilidade
- b - Estabelecer os objetivos específicos da campanha.
Por exemplo: água fervida, análise da terra, silo trincheira, etc.
E não objetivos de ordem geral:
Combate à verminose
Melhores colheitas
Aumento da produção de leite, etc.
Considerar que nem todo o problema comporta a realização de uma campanha.
Não é aconselhável a realização de várias campanhas ao mesmo tempo.
- c - Determinar o público que deverá ser atingido - considerando seu nível educacional, situação econômica e geográfica.
- d - Marcar o tempo de duração. Organizar um calendário. Cuidar que eventos públicos coincidam com aspectos importantes da campanha.
Lembrar que quanto mais frequentemente um indivíduo for exposto a uma nova idéia, maior a possibilidade de que ele a adote.
- e - Escolher os meios de comunicação a serem empregados (ver MEIOS DE COMUNICAÇÃO, mais adiante).

- f - Orçamento: verificar os recursos financeiros disponíveis e calcular as despesas.
- g - Preparar um "Manual da Campanha" para coordenação dos elementos executores, mantendo perfeita sincronização entre os mesmos. Deverá conter todo o planejamento e registrar o andamento dos trabalhos até a sua avaliação e experiências.

2. Preparo de pessoal

- a - Os executores devem ser perfeitamente instruídos quanto ao objetivo da campanha e nas técnicas que serão empregadas para a sua realização;
- b - devem ser mantidos informados de tudo quanto ocorrer com relação à campanha, tanto na sua fase de preparação quanto na de execução;
- c - os líderes da zona trabalhada (autoridades, comerciantes, banqueiros, clero, educadores, etc.), devem ser informados de tudo quanto ocorrer com relação à campanha;
- d - os elementos controladores dos meios de comunicação de massa (diretores de jornais, estações de rádio e televisão) também devem ser mantidos informados e, se possível, instruídos, em todos os aspectos da campanha.

3. Produção de materiais

- a) Os materiais a serem utilizados devem ser produzidos ou adquiridos, de acordo com o planejado, com suficiente antecedência e em quantidades bastantes;
- b) os executores deverão tê-los em mãos no momento em que se fizerem necessários (distribuição)

4. Execução

- a - geralmente e sempre que possível, dar início à campanha, (lançamento) com um acontecimento público, de preferência relacionado com a matéria; se não houver relação, pode-se forçar ou criar uma relação (por exemplo, "Conservação das Florestas" poderia ser iniciada com o "Dia da Pátria");
- b - sempre que possível, convidar altas autoridades para o lançamento da campanha (prestígio), como o presidente da república, o governador do estado, o prefeito do município, etc.
- c - obter ampla cobertura da imprensa, rádio, cinema e televisão para as cerimônias de lançamento da campanha;
- d - a campanha deverá se desenvolver no sentido de um "climax", devendo encerrar-se com um acontecimento ou problema público, objeto da campanha (por exemplo, "Conservação das Florestas", com o "Dia da Árvore"; pode também ser iniciada por aí; esse acontecimento poderá ser natural, ou criado artificialmente - "dia da vacinação", etc.).

5. Avaliação

a - terminada a campanha é necessário proceder-se à avaliação dos resultados alcançados, do seu desenvolvimento, das falhas na sua organização, como experiência para o planejamento de futuras campanhas.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Na seleção dos meios de comunicação a serem empregados em uma campanha, temos que considerar os três elementos básicos que, como em qualquer outro programa de comunicação, determinam a sua escolha:

1. o público a que se destina
2. a mensagem a ser comunicada
3. as possibilidades do próprio meio em si

1. O público a que se destina

O elemento humano ao qual se pretende comunicar uma mensagem pode apresentar as mais variadas características, segundo a combinação dos elementos da sua condição individual (isto se aplica tanto ao indivíduo como ao grupo). Ele pode se situar entre dois extremos segundo três características principais: educacional, econômica e geográfica, que se combinam entre si. Educacionalmente, ele pode ir de um extremo inculto a um extremo culto; economicamente, pode ir de um extremo pobre a um extremo rico; geograficamente, pode ir de um extremo deserto a um extremo urbano.

Combinando-se estas três características, podemos ter indivíduos, ou grupos, os mais variados; culto, pobre e rural; inculto, rico e urbano; medianamente culto, de economia média e suburbano, etc.

É evidente que se pretendermos comunicar uma mensagem a um grupo analfabeto, não vamos distribuir folhetos escritos a esse grupo. Por outro lado, de nada adiantará fazer uma conferência em inglês a um grupo que, culto, não conheça o idioma. Nestas hipóteses, seria necessário escolher para esses grupos materiais de comunicação que ultrapassassem essas barreiras - no primeiro caso, o analfabetismo; no segundo, o idioma.

2. A mensagem a ser comunicada

A mensagem que se tem a comunicar é outro fator determinante da seleção do meio áudio-visual a ser empregado. Inicialmente, é necessário considerar o tipo da mensagem, que pode ser:

- a) de motivação
- b) de ensino ou doutrinação
- c) de conservação de normas difundidas

As mensagens de motivação são aquelas pelas quais se procura despertar no grupo o interesse por determinado fato, fazendo com que no final

êsse grupo venha a desejar o que se tem para lhe oferecer. Geralmente tais mensagens não podem se restringir a um só meio de comunicação. Na maioria dos casos, a mensagem deve ser comunicada por vários meios coordenados e equilibrados com outros.

As mensagens de ensino são aquelas com as quais se procura ensinar determinada prática. São, portanto, de natureza direta e objetiva, e os meios empregados para a comunicação devem ser também de alcance direto, objetivos e específicos.

As mensagens de conservação de normas difundidas são aquelas com as quais se procura manter vivo no espírito do público a continuidade na adoção de práticas já ensinadas e aceitas. Os meios mais eficientes são os mesmos empregados nas mensagens de motivação.

3. As possibilidades do próprio meio em si

A eficiência de um meio de comunicação é determinada pela sua capacidade relativa em comunicar o máximo da mensagem da maneira mais simples, ao maior número de pessoas. É evidente que não se pode dar uma aula de conservação do solo num simples cartaz. Por outro lado, não é necessário um tratado de muitas páginas para mostrar como se enfia uma linha numa agulha.

Não existe um meio que, isolado, satisfaça o ideal de comunicar o total da experiência, ou conhecimento, da humanidade, ao total da humanidade.

---oo0oo---

Reproduzido pelo Centro Áudio-Visual
de Pôrto Alegre.

EXCURSÃO

É o método que leva o aluno a se inteirar de práticas e processos de trabalho através da observação direta de uma situação real.

Do ponto de vista didático a excursão oferece uma série de vantagens que recomenda o seu emprêgo tanto em programas de ensino escolar quanto de educação de comunidades.

Apresenta fatos autênticos e atuais: A excursão é um dos métodos que transmite maior cunho de realidade uma vez que os fatos podem ser observados "in loco", com todos os seus defeitos e qualidades. Tanto em se tratando de um grupo de alunos visitando um zoológico, de agricultores observando uma fazenda modelo ou de donas de casa verificando o funcionamento de um Pôsto de Puericultura, um princípio que muito contribui para o sucesso dessa forma de aprendizagem é o de ver para crer.

Possibilita o emprêgo simultâneo de todos os sentidos: No decorrer de uma excursão o participante pode obter uma vivência quase completa de uma nova situação, visto que através do emprêgo simultâneo de todos os órgãos sensoriais fica reduzida a um mínimo a possibilidade de êrro, muito comum em casos de observação unilateral.

Estimula perguntas e debates: Diante da realidade dos fatos os alunos tendem a fazer perguntas compatíveis com os seus interêsses, dúvidas e problemas imediatos, bem como expor os conhecimentos que já possuem por experiências passadas. Assim se estabelece um clima de debates propício à formação de uma dinâmica de grupo.

É de carater informal: Numa excursão o aluno goza naturalmente de maior liberdade de ação do que numa situação normal de sala de aula. Ele se desloca livremente dentro do grupo, desfrutando da companhia ora de um, ora de outro colega. Não há uma orientação muito rígida. Enquanto uns fazem perguntas, outros podem estar vendo ou tomando notas.

Incentiva o trabalho de equipe: Durante uma excursão os alunos adquirem uma base comum de experiências que além de favorecer também estimula o trabalho de equipe.

Apesar dessas e de outras vantagens, as excursões também apresentam algumas limitações. O local escolhido para visitaçào, em geral não corresponde exatamente às necessidades da aprendizagem. Certos fatores como: condições de asseio, arejamento, iluminação, segurança no trabalho, entre outros, às vezes deixam a desejar. A própria seqüência natural de observações em certas ocasiões precisa ser alterada, pois em virtude de dificuldades de acesso ou distâncias exageradas os alunos visitam, por exemplo, a primeira, a terceira e quarta etapa de um processo deixando a segunda para ser observada no fim. Tais inconvenientes, na maioria dos casos inevitáveis, devem ser esclarecidos pelo educador ao invés de simplesmente ignorados.

Em tôda região há uma série de locais dignos de serem visitados, como: museu, zoológico, escolas, fábricas, fazendas, biblioteca e serviços de utilidade pública, em se tratando de alunos, e estações experimentais,

fazendas-modêlo, poços ou fontes de abastecimento de água, centro de saúde, serviços de utilidade pública, no caso de cidadãos de uma comunidade. Compete, pois, ao educador estar a par de todos êsses locais para programar suas excursões nas ocasiões adequadas.

COM QUE OBJETIVO

Esta deve ser uma das primeiras preocupações ao se planejar uma excursão. Quando os objetivos não estão muito bem definidos, é difícil estabelecer um roteiro, selecionar recursos áudio-visuais e desenvolver um debate em tôrno do que foi visto durante a visita.

Uma excursão poderia ser organizada com um ou vários dos seguintes objetivos:

- Ensinar novas práticas - grupo de alunos visitando uma biblioteca para aprender a consultar fichários, preencher formulários, etc.; grupo de agricultores visitando uma fazenda para aprender novas técnicas de conservação do solo.

- Mudar atitudes - Excursão a um centro de zootecnica no sentido de eliminar a superstição dos agricultores quanto ao emprêgo da inseminação artificial.

- Formar opinião - Visita a serviços de utilidade pública e instituições governamentais.

- Obter colaboração - Visita a clubes agrícolas e instituições de beneficência.

- Despertar vocações - Tipo especial de excursão destinada a jovens, como parte de um programa de orientação profissional. Visitando indústrias, estabelecimentos bancários, lojas comerciais, a escolha de uma profissão pode ser feita de forma mais compatível com o temperamento, qualificações e aspirações de cada um.

PLANEJAMENTO DA EXCURSÃO

Uma excursão como método de comunicação não é um simples passeio, visita ou pique-nique. Deve ser parte de um programa educativo e, portanto, planejada em função das demais atividades antecedentes e subseqüentes.

O sucesso de uma excursão depende essencialmente do planejamento. Devido a falhas dessa natureza surgem os problemas mais frequentes que prejudicam o aproveitamento do aluno e desacreditam o método. Segundo o depoimento de alguns educadores, êsses problemas em geral são: "Objetivos não bem especificados", "Objetivos demasiadamente amplos ou gerais", "Falta de definição prévia de regras de conduta", "Incompreensão, por parte dos alunos, da excursão como método educativo", "Poucas atividades complementares", "Falta de planejamento no tocante à alimentação e períodos de descanso".

Providências a serem tomadas antes da excursão:

a) Selecione e visite o local: Nem todos se preocupam com êsse detalhe e somente tarde demais verificam que o local não se enquadra nos objetivos da aprendizagem e que a excursão será uma perda de tempo. Embora seja difícil encontrar um local inteiramente adequado à finalidade prevista, é necessário que o escolhido reúna as condições essenciais e não apresente aspectos negativos muito comprometedores.

b) Verifique situações especiais: Quem organiza uma excursão é responsável pelo estado de segurança dos participantes e pelos possíveis danos que estes venham a causar a terceiros. Assim, pois, verifique-se o local da visita apresenta algum ponto vulnerável ou risco de acidente.

c) Tome tôdas as providências de ordem administrativa: Com a antecedência devida, faça os convites e determine data, horário, duração da visita e meios de transporte. Em se tratando de excursões escolares, é de bom alvitre obter-se a autorização paterna. Se o número de participantes for muito grande, obtenha a colaboração de acompanhantes.

d) Organize o roteiro: Defina exatamente os objetivos da excursão. Estabeleça a seqüência da visitação, determinando assim o itinerário a ser percorrido pelo grupo.

Assinale as idéias e os recursos áudio-visuais a serem utilizados como temas de debate, após a visita. Indique tôdas as informações de caráter geral, como local, horário, etc.

Eis uma sugestão de roteiro para escola primária:

EXCURSÃO AO CORPO DE BOMBEIROS

Local: Data: Horário:

Tempo de viagem (ida e volta) Duração da visita

Objetivos:

- Conhecer uma instituição da comunidade
- Alertar os alunos sôbre o perigo do fogo
- Valorizar o serviço dos bombeiros chamando a atenção para os seus múltiplos aspectos.

Seqüência da visitação:

1.
2.
- etc.

Observar no trajeto

Idéias para debates:

- "a água - amiga ou inimiga"
- "o fogo - amigo ou inimigo"
- "a importância do corpo de bombeiros"
- "que podemos fazer para colaborar com os bombeiros"

Recursos Áudio-visuais:

- Plantas da região
- Filme "Os soldados do fogo"
- Exposição "Não brinque com fogo".

- Sugestão de roteiro para programas de educação de comunidades.

EXCURSÃO AO CENTRO DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA (POÇOS)

Local Data Horário

Tempo de viagem (ida e volta) Duração da visita

Objetivos:

- Verificar as condições desses centros
- Analisar sua construção
- Observar como as pessoas se utilizam deles
- Estudar o que pode ser feito para melhorá-los

Seqüência da visitação:

1.
 2.
- etc.

Observar no trajeto:

- Construção da lixeira
- Postos de saúde
- Condições de arejamento das casas

Situações especiais:

- Travessia da via férrea

Idéias para debates:

- Nossa água é realmente potável?
- Quais os perigos a que estamos expostos?
- Como obter água de boa qualidade
- Que poderíamos fazer, a curto e a longo prazo, para resolver o problema?

Recursos Áudio-Visuais:

- Desenho de um poço
- Maqueta da região
- Cartazes sobre educação sanitária

PREPARAÇÃO DO GRUPO PARA A EXCURSÃO

Antes de se dirigir para o local da visita, o educador deve preparar o grupo a fim de motivar e disciplinar a observação, e estabelecer bases para atividades complementares, após a excursão.

Defina os objetivos: Um mesmo local, como uma fazenda por exemplo, pode ser observado sob vários aspectos: técnico, administrativo, social, econômico, entre outros. Cada participante deve ter uma noção exata dos propósitos da excursão e dos principais pontos a serem observados.

Indique as providências a serem tomadas pelo grupo: Tipo de vestimenta mais aconselhada, merenda, bloco, lápis e qualquer outro material que se torne necessário, assim como informações relacionadas a meio de transporte, local de reunião, horário, alimentação, etc.

Estabeleça regras de conduta: É necessário que a excursão decorra num ambiente de ordem e camaradagem, e que o anfitrião seja tratado com a cortesia devida pelos visitantes. Certas críticas feitas no decorrer de visitas a indústrias, fazendas e outros locais, bem como atitudes inconvenientes de elementos do grupo, podem ferir suscetibilidades e provocar descontentamento. Compete ao educador estabelecer certas normas para evitar problemas dessa natureza.

Esteja atento com relação a perguntas: No decorrer dêesses entendimentos preliminares os alunos comumente fazem perguntas sôbre o tema da visita. Tais perguntas, com exceção apenas das que precisam ser respondidas de imediato, devem ser anotadas para servirem como introdução ao debate após a excursão.

Organize os grupos de trabalho: Sempre que aconselhável, divida a turma em grupos de trabalho dando atribuições distintas a cada um dêles. Num excursão a uma fábrica, por exemplo, enquanto um grupo observa a seqüência da produção, um outro se preocupa com a parte de higiene e segurança e um terceiro grupo pode analisar os aspectos referentes a relações humanas no trabalho e assistência social. Cada equipe então, se organiza à sua maneira de forma a aproveitar ao máximo as qualificações de cada participante em benefício do rendimento da equipe.

Na organização dos grupos de trabalho o educador pode fornecer a cada participante um questionário-relatório com o propósito de disciplinar a observação dos fatos, sistematizar o raciocínio do aluno e, em certos casos, introduzir vocabulário. Tal como o exemplo aqui apresentado, outros tipos de questionário-relatório poderiam ser preparados para diversos setores de ensino.

DURANTE A EXCURSÃO

Os participantes atuam? O educador deve evitar que os alunos se mantenham na condição de observadores passivos. É importante que eles como indivíduos ou componentes de um grupo, observem detalhes, tomem notas, desenhem esboços e façam perguntas. Nesse sentido, o professor deve prestar assistência individual a cada aluno, lembrando os pontos a serem observados, fazendo perguntas e dando tarefas de última hora para estimular e orientar os menos ativos.

As dúvidas são esclarecidas convenientemente? O educador deve procurar extrair todas as dúvidas, no decorrer da visita, se possível, ou depois, em aula. As respostas devem ser claras e compatíveis com o nível de experiências dos alunos. Esta observação é especialmente oportuna para os acompanhantes que, desconhecendo os princípios de pedagogia e dominando plenamente o assunto, empregam uma terminologia e uma forma de argumentação muito acima do grau de compreensão dos visitantes.

Como se comportam os visitantes? O educador deve estar sempre atento para evitar acidentes pessoais e danos à propriedade alheia. Ele deve prever as situações-problema e tomar antecipadamente as medidas necessárias para evitá-las.

Cada participante deve estar consciente das normas de disciplina, anteriormente discutidas e aceitas pelo grupo. O anfitrião não deve ser molestado, de maneira alguma, com perguntas ou observações indiscretas.

Algo interessante a ser observado no trajeto? No decorrer do caminho, enquanto o grupo se desloca para o local da visita, o educador pode chamar a atenção dos participantes para certos detalhes importantes, como: serviços de utilidade pública, aspectos sócio-econômico da região, etc. Assuntos esses que poderão servir como base para futuros debates ou excursões.

DEPOIS DA EXCURSÃO

Uma excursão é um segmento de um processo - processo que começou antes da sua realização e continuará após o seu término. Portanto, deve ser complementada com uma série de outras atividades visando ao esclarecimento de dúvidas, fixação de conceitos e sistematização de idéias. Certos educadores consideram que a aprendizagem se realiza com mais intensidade e eficiência no decorrer dessas atividades subsequentes, do que propriamente durante a visita.

Tais atividades devem ser executadas de imediato, enquanto os participantes ainda revelam no seu estado emocional os reflexos das novas experiências obtidas durante a excursão.

Sugere-se, pois, o seguinte:

Promova debates: Ao regressar de uma excursão, os participantes fazem frequentemente observações e perguntas em torno do que viram. "Agora sim, consegui saber porque...", "Aquê! homem estava usando um processo muito prático!", "Não pude entender como...", são, entre outras, expressões muito comuns em tais circunstâncias.

O educador pode se utilizar então dêstes apartes para iniciar o debate.

As perguntas formuladas antes da excursão também devem ser respondidas de preferência pelos próprios alunos, à luz do que foi observado durante a visita.

O professor orienta a discussão, relembrando detalhes, prestando esclarecimentos adicionais e sistematizando as idéias.

A esta altura, os recursos áudio-visuais como mapas, fotografias, modelos, etc., além de estimular o debate, servem como elementos de transposição para atividades complementares de análise e pesquisa.

Planeje atividades complementares - Nem tôdas as perguntas devem ser respondidas durante o debate. Certas dúvidas expressas pelo grupo, como: "O que é adubo?", "Quanto tempo a planta leva para crescer?", "Qual é o mês das chuvas?" podem servir como deizas para atividades individuais ou de grupo, orientadas no sentido da experimentação, consulta a fontes de informação, elaboração de relatórios, etc.

No decorrer dessas atividades os alunos estariam também desenvolvendo a sua capacidade de auto-expressão, ao preparar gráficos, cartazes, mapas e outros materiais.

Agradeça aos colaboradores - Por elementar que pareça, tal providência raramente é tomada ou é feita de maneira informal e improvisada.

Uma carta de agradecimento, se possível assinada pelos representantes do próprio grupo, além de um dever de cortesia é também um meio de se preparar caminho para outras excursões ao mesmo local.

Centro Regional de Pesquisas Educacionais
 Serviço de Recursos Áudio-Visuais
 Cidade Universitária - São Paulo

Reproduzido pelo Centro Áudio-Visual da C.N.E.R. em
 Pôrto Alegre - R. G. do Sul

" O QUADRO-NEGRO "

A aula com o quadro-negro combina:

- símbolos verbais
- símbolos visuais
- sentidos motores

Êstes três fatôres conjugados reforçam a fixação dos conceitos.

1. Vantagens quanto à utilização

- desperta o interêsse
- serve para apresentar qualquer matéria
- permite ampla variedade de tema
- adaptável a muitos usos
- serve para fixar conceitos essenciais
- permite a participação do aluno
- permite a correção em flagrante
- facilita estabelecer contrastes
- ilustra idéias abstratas
- facilita tomar anotações
- permite contacto quase permanente com o aluno
- permite ativar a apresentação do tema
- ajusta o tempo de apresentação do tema, ao tempo de compreensão do aluno.

2. Quanto à disponibilidade

- é fácil de obter
- custo pouco
- é fácil de fazer
- é fácil de conservar
- existe em todo centro de ensino
- serve de base para outros auxílios visuais

Como utilizar o quadro-negro

Antes da aula

1. Planejamento da apresentação do tema

- que devo escrever no quadro-negro?
- que palavras-chaves fixarão os conceitos?
- são claras as palavras que estou empregando?
- será necessário ilustrar a idéia?
- deverei preparar com antecedência os desenhos mais complicados?
- escreverei antes da chegada dos alunos?
- deverei complementar o quadro-negro com outros auxílios Áudio-Visuais?
- que palavras sublinhar?
- deverei deixar algo escrito durante tôda a aula?
- será necessário distribuir apostilas?

Recomendações gerais

- verifique a iluminação para evitar reflexos.
- observe a visibilidade dos diferentes cantos da sala.
- estude o arranjo das cadeiras.
- apague e retire os elementos de dispersão.
- reúna os elementos que vai utilizar.
- tenha a mão os materiais a serem distribuídos.

Durante a aula

- mantenha-se ao lado do quadro-negro.
- comece a escrever na parte superior do quadro.
- controle seus movimentos.
- escreva no momento preciso.
- mantenha a apresentação limpa.
- utilize os acessórios (fôrmas, compasso, decaique, régua, etc.).
- escreva por breves espaços de tempo.
- escreva e desenhe em tamanho grande.
- use um bom giz, fazendo pressão constante.
- ao usar o ponteiro, não cubra o desenho com o corpo.
- verifique freqüentemente a legibilidade.
- escreva em linha retas.
- escreva em tipo de letra legível, em fôrma de imprensa.
- ilustre com desenhos simples.
- siga o roteiro da apresentação, em seqüência lógica, agrupando elementos semelhantes.
- utilize o quadro-negro de maneira dinâmica.
- organize questionários e debates.
- estimule a participação do aluno na utilização do quadro-negro.
- mantenha a legibilidade:
 1. deixando margens amplas
 2. grandes espaços livres
 3. limpando com o apagador
 4. sublinhando com: - côr, círculos, setas.
- ao terminar, passe o apagador, limpando o quadro-negro, para o uso do próximo instrutor.

Desenhos no quadro-negro

Podem ilustrar

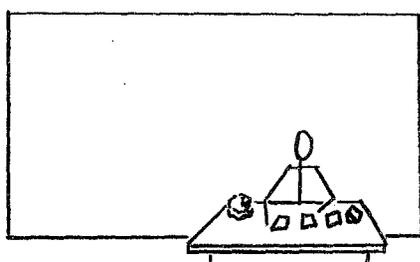
- uma idéia
- um tema em ação
- transcurso de tempo
- comparações
- símbolos
- gráficos
 1. linha
 2. sector
 3. organogramas

Como fazer desenhos

De forma simplificada:

- figurativos
 - . círculo para a cabeça
 - . retas para os membros
 - . ângulos para os movimentos

Extraído de: ÁUDIO-VISUAL EM REVISTA



1. Planeje com antecedência sua apresentação no quadro-negro.



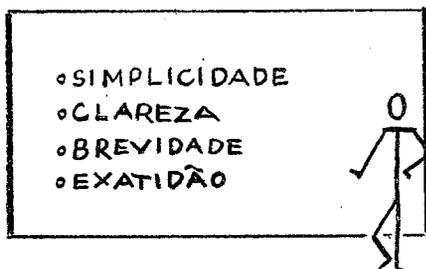
2. Mantenha-se ao lado do quadro-negro sem prejudicar a visibilidade do aluno.



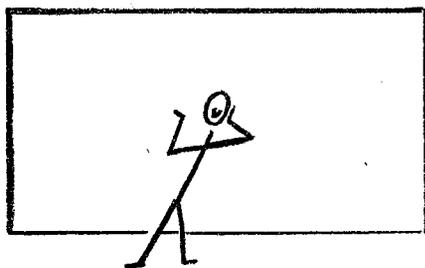
3. Use um tipo de letra clara e suficientemente grande.



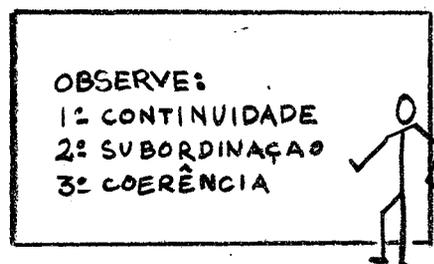
4. Controle seus movimentos e escreva somente nos momentos exatos, para reforçar conceitos básicos.



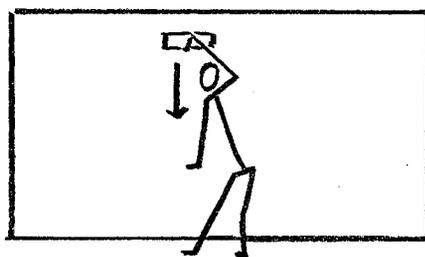
5. Fale e em seguida escreva brevemente para manter o contato visual com o grupo.



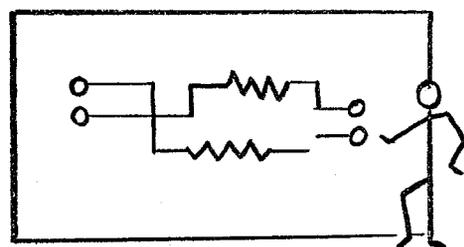
6. Não fale para o quadro-negro mas sim voltado para o aluno.



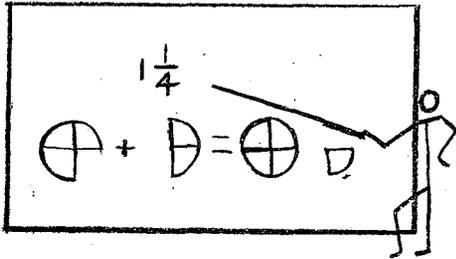
7. Mantenha sua apresentação limpa e ordenada.



8. Use o apagador, deslocando -o uniformemente de cima para baixo.



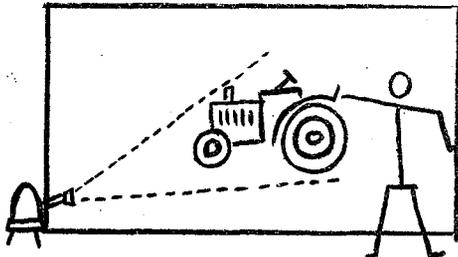
9. Empregue giz colorido para dar ênfase e estabelecer contrastes.



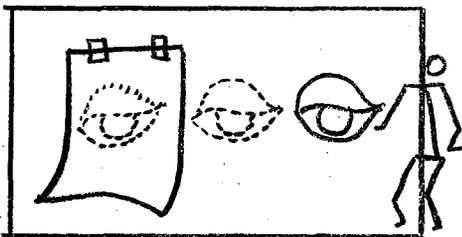
10. Use um ponteiro para conduzir a atenção dos alunos.



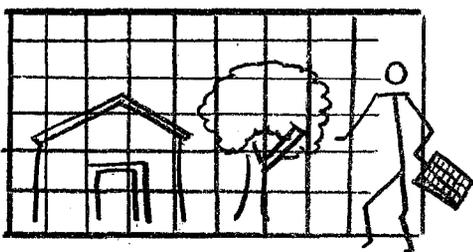
11. Durante a aula, illustre idéias com desenhos simples.



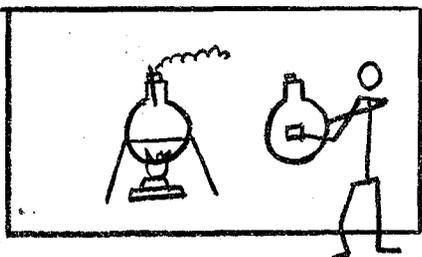
12. Antes da aula, prepare desenhos mais elaborados: com o auxílio de um projetor...



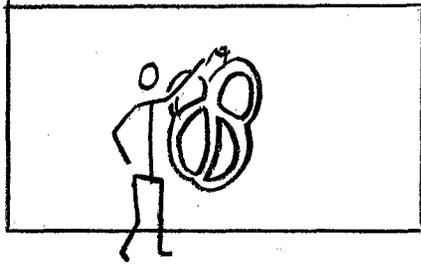
13. ... decalcando com o apagador uma ilustração perfurada e acentuando o contorno com giz...



14. ... utilizando o processo de reprodução em quadriculas.



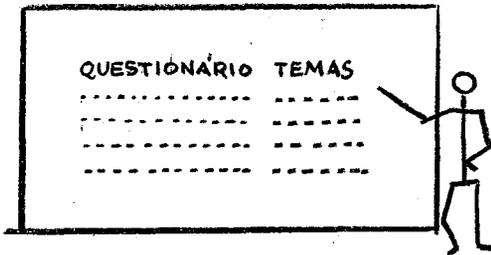
15. ... empregando molde de cartolina ou de madeira.



16. Desenhe em tamanho grande as ilustrações.



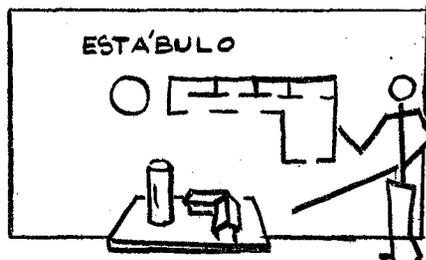
17. Use setas, círculos e barras para dramatizar a apresentação e destacar pontos-chaves.



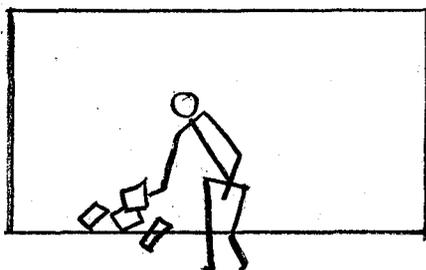
18. Dinamize a palestra com questionários e debates.



19. Estimule a participação do aluno na utilização do quadro-negro.



20. Combine o quadro-negro com outros A.V.: modelos, mapas, gráficos, filmes, espécimes, etc..



21. Não encha excessivamente o quadro-negro. Se necessário prepare apostilas para completar o tema.

O PROCESSO DA COMUNICAÇÃO

Os centros de pesquisa, estações experimentais e escolas-piloto incorporam, dia a dia, conhecimentos e técnicas novas ao grande acervo de informações que já vêm acumulando através dos tempos. Tais informações, abrangendo os diversos setores da atividade humana, são essenciais para que o cidadão possa melhorar sua forma de trabalhar, produzir, consumir, proteger-se, ou seja, de viver. Infelizmente, apesar de indispensáveis, esses dados, na sua maioria, encontram-se arquivados nos locais de origem.

Isto vem demonstrar a quase total ausência de comunicação entre o investigador e o público. Há verdadeira barreira entre ambos, que se caracteriza de várias maneiras, como desnivelamento cultural, diferença de interesses, diferença de vocabulário, entre outras. Portanto, não havendo uma identificação espontânea de propósitos e formas de expressão, torna-se praticamente impossível uma comunicação eficaz entre aquele que pesquisa e o público, por assim dizer, consumidor.

É necessário, pois, a participação de um elemento intermediário entre a ciência e a população, ou seja, de um comunicador. A ele compete conhecer os hábitos, os preconceitos, a cultura, os interesses e as necessidades do seu público; saber retirar das fontes de pesquisa os conhecimentos e as técnicas mais indispensáveis a essa gente; finalmente, saber transmitir essas informações de forma que elas sejam compreendidas, aceitas e postas em prática. Para isso é preciso que esse comunicador seja mais do que um educador, no sentido ortodoxo da palavra, solidarizando-se e identificando-se realmente com seus educandos.

Comunicador, é, portanto, uma expressão genérica que define o professor, agrônomo-extensionista, a educadora doméstica, o educador sanitário, o assistente social e todo aquele que, de uma forma ou outra, atue como elemento-ponte entre a pesquisa e o público. Ponte, tanto no sentido de manter o público devidamente informado das realizações da pesquisa, quanto de indicar a esta as necessidades do público e a avaliação da aplicação prática das técnicas e normas preconizadas.

Há também uma barreira natural que se interpõe entre o comunicador e o seu público, como diferenças de padrões culturais, centros de interesse, condições econômicas e expressões de vocabulário. O sucesso da comunicação decorre em grande parte da capacidade do comunicador de contornar essa barreira, estabelecendo uma zona comum entre sua comunicação e seus comunicandos. Isto ele consegue através da observância das normas de relações humanas, de respeito aos problemas e limitações alheios, e do emprêgo de formas de expressão oral, visual ou escrita compatíveis com o meio.

O aspecto da comunicação que interessa mais no momento, prende-se às relações entre comunicador e público. Todo comunicador tem uma série de informações a transmitir a um público, seja sobre aritmética, linguagem, higiene, técnicas agrícolas, cooperativismo, ou qualquer outro tema. Todos esses conhecimentos e técnicas podem ser definidos pela expressão genérica; mensagem. Para a mensagem chegar ao seu destino, é necessário um veículo, que seriam os meios de comunicação, como a palavra (oral ou escrita), modelos, fotografias, filmes, etc.. Assim, pois, há quatro elementos básicos a considerar no processo da comunicação:

Comunicador	- Quem	} Comunica
Mensagem	- O que	
Veículo (Meios de comunicação)	- como	
Público	- a quem	

Alguém tem algo a transmitir a outrem, e para que êste algo chegue ao seu destino, torna-se necessário um como.

Êste processo está intimamente vinculado a fatores de ordem humana, sendo conseqüentemente, de natureza muito complexa. Se êle dependesse unicamente da aplicação de fórmulas e do emprêgo racional de máquinas e mão de obra, seria possível solucionar o problema da educação de indivíduo, de grupos ou de coletividades, através de planos de produção em série tal como nas indústrias de bicicletas, rádios e automóveis. Mas o processo da comunicação está sujeito a uma série de bloqueios que podem causar problemas de compreensão, fixação ou aceitação das mensagens.

Entre vários exemplos, poderiam ser citados como fatores de bloqueio decorrentes do próprio comunicador:

- . Desconhecimento da matéria
- . Desconhecimento das noções básicas de pedagogia
- . Falta de interêsse
- . Falta de traquejo em relações humanas
- . Dificuldade de expressão
- . Tendências político-partidárias
- . Desconhecimento do nível cultural do grupo

A mensagem também pode ocasionar bloqueios quando ela é:

- . Inadequada - projeto de mecanização da lavoura em áreas sub-desenvolvidas
- . Inoportuna - programa de treinamento em conservação de alimentos realizado em época de entressafra
- . Indesejável - debate de temas controvertidos, como divórcio, pena de morte, limitação de filhos, perante grupos de formação radical.

O bloqueio também pode ser motivado pelo meio de comunicação empregado em virtude de:

- . Erros de utilização - Emprêgo de ilustrações ou desenhos de masiadamente pequenos para o tamanho da classe; projeção de filmes educativos sem o preparo prévio da turma;
- . Erros de seleção - O uso do uso do rádio para o ensino de técnicas complexas, o emprêgo do quadro-negro para a transcrição de trechos demasiadamente longos.

Finalmente o próprio público pode acarretar bloqueios, decorrente de:

- . Fatores de ordem cultural - nível de escolaridade, senso artístico.
- . Fatores de ordem psicológica - resistência a mudanças, resistência a influências estranhas.
- . Fatores de ordem social - Tabus e preconceitos, fôrças internas e externas atuantes sôbre os grupos e a comunidade.
- . Fatores de ordem fisiológica - fome, sede, frio
- . Fatores de ordem biológica - capacidade de percepção, sexo, idade.

Portanto, o processo da comunicação pode ser prejudicado, total ou parcialmente, em virtude de bloqueios provocados pelo comunicador, pela mensagem, pelos meios de comunicação ou pelo público. Sendo o comunicador o elemento chave, é necessário que êle conheça, da maneira mais completa possível, todos os fatores de bloqueio à sua comunicação. Só assim, poderá êle evitar, ou pelo menos atenuar, a ação dos mesmos.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Representam um dos quatro elementos básicos do processo da comunicação, precisamente o que se enquadra nos propósitos dêste trabalho.

A expressão meio de comunicação é de caráter bem geral, englobando tôdas as formas, subjetivas e objetivas, de transmissão de mensagens de uma fonte a outra. Ela compreende não só os recursos áudio-visuais que orientam o emprego dos referidos recursos dentro de um objetivo específico de ensino.

Assim, pois, a palavra (oral ou escrita), os modelos, a fotografia, entre outros, seriam recursos áudio-visuais, enquanto a palestra, as reuniões, as demonstrações seriam exemplos de métodos áudio-visuais. Por conseguinte, os recursos são partes integrantes do método.

RECURSOS ÁUDIO-VISUAIS

Esta expressão deriva do inglês "Audio Visual Aids", que teve origem na época da Segunda Guerra Mundial. Preocupados com o problema de treinamento intensivo dos que eram recrutados para as frentes de combate e dos elementos de terceira categoria que deveriam preencher as lacunas existentes nas atividades de produção, educadores americanos sentiram a necessidade urgente de aperfeiçoar os métodos de ensino. Era um problema tanto quantitativo como qualitativo, de ensinar mais, a um número maior de pessoas, num espaço de tempo mais curto. A conclusão a que chegaram indicou que através do uso sistemático e coordenado de matérias que produzissem estímulos de natureza sensorial, a tarefa do educador seria enormemente facilitada. Isto é, o emprego de modelos, associado ao de mapas, fotografias, gravações, filmes e outros recursos, tornava a aprendizagem mais dinâmica e mais permanente. Como a visão é o órgão sensorial que representa papel mais importante neste processo, surgiu a primeira denominação "Visual Aids", Recursos Visuais, que posteriormente foi modificada para "Audio Visual Aids". Recursos Audio-Visuais, reconhecendo-se assim a função também importante da audição. A expressão áudio-visual ficou portanto consagrada apenas em função da preponderância desses dois órgãos, sem haver nenhuma insinuação à exclusão dos demais.

Como é sabido, de há muitos anos os professores fazem uso desses materiais, na maioria dos casos, porém, de forma assistemática e sem uma noção exata da importância dos mesmos. O que há de novo nesta orientação moderna é a sistematização e a integração dos referidos recursos no plano curricular.

Os recursos áudio-visuais podem ser classificados quanto à sua natureza em três categorias distintas:

- Oral - que se destina aos que podem ouvir; como a palavra falada (ao natural), o rádio, as gravações, etc..
- Visual - que se destina aos que podem ver; como modelos, fotografias, mapas e outros.
- Escrita - que se destina aos que sabem ler; como livros, jornais, folhetos, etc..

Em certos casos, duas destas características, ou até mesmo as três, podem se encontrar reunidas em um só recurso áudio-visual, como é o caso do filme - cuja narração é oral e a imagem, visual - e da exposição - onde as fotografias e ilustrações são visuais, as legendas e os textos são escritos, e as narrativas gravadas são orais.

Embora dentro de cada uma dessas categorias possa haver diferenciações muito grandes, é possível estabelecer-se certas características gerais comuns a cada uma delas.

CARACTERÍSTICAS DA FORMA ORAL

Vantagens:

- a) - É a forma espontânea de comunicação entre os indivíduos;
- b) - Na maioria dos casos, é o meio mais econômico de comunicação, principalmente quando comunicador e comunicando estão num mesmo local.

c) - A palavra oral, ao natural ou através do rádio, é um dos mais rápidos de se estabelecer comunicação com indivíduos, grupos ou coletividades.

Limitações:

a) - A expressão oral é apenas um símbolo de um objeto ou de um conceito. Para não ser deturpada ou modificada é preciso que o ouvinte tenha noção exata do seu significado.

b) - Ela não é de efeito residual. Tal como a água que passa por baixo da ponte, a palavra oral, uma vez enunciada, não deixa vestígios.

CARACTERÍSTICAS DA FORMA VISUAL

Vantagens:

a) - É o único que se assemelha, em menor ou maior escala, com a situação real sendo, portanto, uma forma objetiva de aprendizagem.

b) - Em decorrência disso é o que melhor atrai a atenção, desperta o interesse e promove a fixação de conceitos.

c) - É, na grande maioria dos casos, a forma universalmente aceita de expressão que atinge a todo indivíduo, seja qual for o seu nível de instrução ou o seu idioma.

Limitações:

a) - Raramente é auto-explicativa. O modelo, o desenho, a fotografia, em geral necessitam ser completados com a palavra oral ou escrita.

b) - A sua produção depende, na maioria das vezes, de conhecimentos e aptidões artísticas e em certos casos de matéria prima e equipamento adequados.

CARACTERÍSTICAS DA FORMA ESCRITA

Vantagens:

a) - Possibilita a "eternização" da mensagem.

b) - É essencialmente um meio de alcance à massa.

Limitações:

a) - Só atinge os alfabetizados

b) - Sua produção nem sempre é econômica o que requer, em alguns casos, pessoal, matéria prima e equipamento especializados.

Nos programas de educação rural e de ensino primário, onde o nível de alfabetização é relativamente baixo, a ênfase deve ser para o emprêgo coordenado das formas oral e visual; enquanto que nos programas universitários a tendência é para o emprêgo em maior escala da forma escrita.

MÉTODOS ÁUDIO-VISUAIS

Conforme exposto anteriormente, o método e a maneira ordeira e planejada com que os recursos devem ser empregados para se atingir o fim visado. O educador, tendo em mente os objetivos específicos da aprendizagem, deve inicialmente pensar em termos de método para, em função dêste, selecionar então os recursos. Ele estabelece um plano para uma palestra, uma reunião, uma entrevista, ou outro qualquer método áudio-visual; em decorrência dêste plano irá programar o emprêgo da palavra oral e da escrita, de ilustrações no quadro-negro e no flanelógrafo, de filme, etc., devidamente coordenados em tórno de um objetivo comum.

O método pode ser individual, quando se destina a uma só pessoa, como o caso da demonstração individual, da entrevista, da visita domiciliar, da aula particular.

O método também pode se destinar a grupos, como por exemplo a palestra, a reunião, as visitas e excursões.

E finalmente o método pode ser essencialmente destinado à massa, como o rádio, a televisão, o jornal, as feiras de amostra, entre outros, e por extensão, o quadro de avisos e a exposição utilizados nas escolas.

Analisando estas três categorias de métodos áudio-visuais dos pontos de vista da eficiência didática e alcance (número de pessoas atingidas) chega-se as seguintes conclusões:

. O método individual se caracteriza por uma ALTA eficiência didática, haja visto que representa a situação mais comumente considerada como ideal, ou seja a de um professor para aluno, havendo assim uma integração muito grande no processo ensino-aprendizagem. Quanto ao seu alcance, porém, seria BAIXO porque a assistência do professor estaria beneficiando apenas um número muito reduzido de pessoas.

. O método de grupo em relação aos demais, seria de eficiência MÉDIA. Por força de circunstâncias já haveria maior separação entre o professor e os alunos, e o fluxo da comunicação processar-se-ia mais daquele para estes do que propriamente no sentido oposto. O aluno comporta-se mais como elemento componente de um grupo do que como indivíduo. Com relação ao alcance, poderia ser considerado como MÉDIO, uma vez que o professor estaria atingindo simultaneamente um número relativamente maior de pessoas.

. Por fim, o método destinado à massa de certo modo despersonaliza o próprio educador que passa a atuar indiretamente através do rádio, do jornal ou da televisão ficando assim limitado na sua capacidade de ilustrar, falar, escrever, sentir reações fisionômicas, responder e fazer perguntas. Comparado com os outros, este método seria de BAIXA eficiência didática. Por outro lado, o alcance seria ALTO porque o educador estaria divulgando seus conhecimentos para um número considerável de pessoas.

De uma forma geral, os métodos de comunicação à massa servem para formar opinião pública e, até certo ponto, transmitir conhecimentos e técnicas, simples e breves. Os de comunicação a grupo prestam-se tanto para ensinar conhecimentos e técnicas de certa complexidade, quanto para formar opinião. E os de comunicação individual, tendo-se em vista o aproveitamento útil do tempo do educador, aplicam-se apenas para o ensinamento e de conhecimentos e técnicas de grande complexidade.

OBSERVAÇÃO: Certos meios de comunicação, como por exemplo: o filme cinematográfico, a exposição e a dramatização, tanto podem ser considerados métodos quanto recursos, o que vai depender do seu planejamento e forma de utilização. Método, quando é auto suficiente, atuando isoladamente numa casa exibidora ou em local franqueado à visitação. Recurso quando é usado como parte integrante de uma palestra ou de uma aula.

OBSTRATO X CONCRETO

Há outra característica de diferenciação muito importante entre vários métodos e recursos áudio-visuais. É o caso do modelo e do desenho, por exemplo. Enquanto o primeiro, é tridimensional, representando a realidade de maneira mais concreta, o outro apresenta os objetos de modo mais simbólico ou abstrato, através de efeitos de perspectiva. Então, qual seria melhor, o concreto ou o abstrato? Se ambos são úteis, quando apelar para um ou para outro?

No sentido de analisar e propor uma solução para o problema, o autor norte americano Edgar Dale, na sua obra "Audio Visual Methods in Teaching", apresenta um estudo denominado "Cone de Experiências".

Este cone relaciona diferentes meios de comunicação, numa escala de valores que vai da forma mais concreta do ensino à mais abstrata.

EXPERIÊNCIA DIRETA Inicialmente, encontra-se no escalão inferior a EXPERIÊNCIA DIRETA como sendo a forma mais concreta, mais objetiva, o aluno aprende através da situação real, podendo ver, ouvir, apalpar, cheirar e até mesmo provar. É o caso do método de demonstração individual, quando, sob a orientação do educador, o aluno aprende química no laboratório, o operário aprende a tornear no próprio torno e o agricultor aprende a lavrar a terra com a ferramenta na mão.

Todavia, nem sempre é possível proporcionar-se EXPERIÊNCIA DIRETA para a aprendizagem, em virtude de limitações de espaço e tempo, fatores econômicos ou razões de ordem didática. Como por exemplo, criar situações reais de episódios da história, de regiões do nosso e de outros países, de funcionamento de instrumentos dispendiosos, grandes ou difíceis de serem observados internamente. Assim sendo, o professor muitas vezes tem que planejar um outro tipo de experiência que, embora não seja real, à ela muito se assemelha.

EXPERIÊNCIA SIMULADA. É o caso da EXPERIÊNCIA SIMULADA, que se encontra no segundo escalão do Cone. Tal como numa batalha simulada, quando se procura criar situações apenas semelhantes à realidade. No planejamento de EXPERIÊNCIAS SIMULADAS procura-se também proporcionar ao aluno situações próximas da realidade, embora por vezes simplificados para fins de aprendizagem. Como exemplos: modelo seccionado de um motor à explosão, indicando o funcionamento das diferentes partes; maquete de uma região assinalando os seus principais acidentes geográficos.

Este tipo de experiência é de caráter mais abstrato do que a experiência direta porque, afastando-se um pouco da situação real, inclui certa dose de "faz de conta" isto é, aquêl motor na realidade trabalha fechado e está sujeito a uma série de outros fatores como: tensões, superaquecimento, etc.. A maquete não pode caracterizar certos aspectos da natureza do solo, do volume e da velocidade das águas dos rios, e assim por diante.

Embora útil, em certos casos, até mesmo insubstituível, a EXPERIÊNCIA SIMULADA requer do aluno a capacidade devida para fazer a transposição do fictício para o real.

DRAMATIZAÇÃO A seguir, encontra-se a DRAMATIZAÇÃO, nas suas diferentes modalidades - drama formal e informal, sociodramas, fantoches, etc. - analisadas do ponto de vista de quem realmente atua. Ela é de natureza concreta, uma vez que o atuante ao representar o papel, como o de Pedro II, Pasteur, balconista, promotor público, ou outro qualquer, integra-se na maneira de ser do personagem e na interrelação com os fatos e demais figurantes da peça. Não obstante, a DRAMATIZAÇÃO é considerada mais abstrata do que a experiência simulada, por estar, na maioria dos casos, ligada a fenômenos de ordem psíquica e social, assim como a ocorrências remotas no espaço e no tempo.

Até este terceiro, escalão do Cone de Experiências o aluno desempenha uma atuação ativa, quer seja executando um trabalho, realizando uma experiência ou desempenhando um papel. Daí por diante porém, ele vai se tornando um simples observador.

DEMONSTRAÇÃO A DEMONSTRAÇÃO, tal como considerada pelo autor no quarto escalão, corresponde ao método de demonstração a grupo. O educador, com aparelhos dispostos sobre uma bancada, vai apresentando perante um grupo de alunos a execução de um trabalho ou processo, nas diferentes etapas e numa sequência lógica. A aprendizagem dependerá muito da capacidade de observação do aluno e processar-se-a quase que exclusivamente através da audição e da visão. O ritmo da apresentação é estabelecido mais em função das características do grupo do que propriamente do indivíduo. Assim, pois, a demonstração a grupo seria um método mais abstrato ou subjetivo do que a dramatização.

EXCURSÃO A VISITA e a EXCURSÃO têm muito em comum com a demonstração. O professor orienta o grupo na observação de um conceito ou de uma técnica com o propósito de formar opinião, transmitir conhecimentos ou desenvolver habilidade. Todavia, numa VISITA ou EXCURSÃO o educador nem sempre tem perfeito controle da situação. Por vezes ele é forçado a alterar a sequência lógica de observação, em virtude de problemas de deslocamento ou de tempo. É o caso de um grupo que visita a primeira, a segunda e a quarta etapa de uma linha de produção, deixando a terceira para ser observada no fim, por se encontrar em relação distante das demais. Em outras ocasiões o local visitado não resume todas as condições ideais e o professor precisa evitar que o grupo observe o que é supérfluo ou mesmo contra-indicado.

Enquanto na demonstração o educador tem autonomia de ação, na VISITA e na EXCURSÃO ele é compelido a se adaptar a certas situações. A eficiência da aprendizagem dependerá então, em grande parte, da capacidade do aluno em recompor sequências e em discernir o certo do errado, o que torna este método de natureza mais subjetiva ou abstrata do que o anterior.

EXPOSIÇÃO A seguir vem a EXPOSIÇÃO, encarada do ponto de vista de mostra organizada desenvolvendo-se dentro de uma sequência lógica e auto-explicativa, com o propósito de divulgar, ensinar ou formar opinião. Desta forma, o educador planeja e orienta a produção da EXPOSIÇÃO, mas não estabelecerá contato direto com o público. Cada visitante irá observar e chegar às conclusões por si próprio, o que torna este método de caráter ainda mais subjetivo e abstrato do que os demais.

TELEVISÃO E CINEMA No sétimo encontra-se a TELEVISÃO e o CINEMA (considerado do ponto de vista, de comunicação à massa, isto é, atuando isoladamente, sem a participação do professor, um dos principais fatores de abstração é a transição que agora se verifica da forma tridimensional das experiências direta e simulada, da dramatização, da demonstração, da visita, da excursão e da exposição, para a forma bidimensional de uma imagem no vídeo ou na tela. A imagem, que representa a realidade através de recursos de perspectiva, é apresentada dentro de uma sequência e de um ritmo inalteráveis. A aprendizagem se processa exclusivamente através da visão e da audição.

FOTOGRAFIA A FOTOGRAFIA, nas suas diferentes formas, como: fotografia em papel, diapositivos ("slides" e diafilmes ("filmstrips")) estaria num nível de abstração ainda maior porque atua sobre um sentido e é inanimada.

SÍMBOLO VISUAL Em penúltimo encontra-se o SÍMBOLO VISUAL que já é uma forma bem avançada de abstração. O símbolo é um meio de expressão com significado convencional.

Cada símbolo expressa uma série de conceitos que podem variar de um sistema para outro, mas que conservam o mesmo significado dentro de cada grupo. Assim portanto, ele não tem valor concreto e só terá significado se este for previamente compreendido e aceito.

SÍMBOLO VERBAL Finalmente, no último escalão, situa-se o SÍMBOLO VERBAL compreendendo a palavra escrita e a oral - como sendo a forma mais abstrata de todas. É oportuno notar que, enquanto o símbolo visual mantém alguma semelhança com o objeto ou conceito representado, o SÍMBOLO VERBAL encontra-se no campo da simbologia pura.

Conclusões:

a) Esta classificação foi estabelecida para fins de análise, considerando cada um dos seus elementos dentro de situações particulares. Por vezes um deles poderá apresentar característica diferentes que o levaria a ocupar um outro escalão. É o caso da exposição, por exemplo. Do ponto de vista de quem assiste

a exposição, tal como é encarada nêsse trabalho, ela ocupa o quinto lugar no cone, Todavia, quando se trata de trabalho de planejamento e produção realizado por um grupo de alunos, a exposição corresponderia quase à dramatização.

b)- O autor não pretende insinuar que os meios de comunicação de natureza concreta sejam mais eficientes que os abstratos, pois chega a reconhecer que a maior parte da comunicação que se processa entre crianças é realizada através da palavra oral. Salieta apenas que os meios de comunicação têm características próprias que variam em escola segundo um maior ou menor grau de abstração.

c)- Ao educador compete determinar o meio de comunicação mais eficiente para uma determinada situação de aprendizagem, levando em consideração a complexidade da mensagem a ser transmitida e a natureza do público.

Em se tratando, por exemplo, de um tema de conservação de solo a ser transmitido entre elementos de alto nível; como seria o caso de engenheiros agrônomos, um mapa da região, ou seja um símbolo visual, seria possivelmente o meio mais recomendável. Se a comunicação fôsse entre um agrônomo e estudantes de agronomia, ainda não muito familiarizados com interpretação de mapas, talvez uma seqüência de diapositivos, isto é, fotografias transparentes, projetáveis fôsse a solução. Se, em vêz de estudantes, fôssem líderes de comunidade ainda não muito acostumados ao estudo pela fotografia, o agrônomo teria que apelar para um meio de comunicação mais concreto, utilizando-se de uma maquete da região numa experiência simulada. Finalmente, quando o nível cultural do grupo é muito baixo torna-se necessário recorrer à experiência direta, que nada mais seria do que uma demonstração individual procedida no local.

Quanto mais baixo for o nível cultural do grupo e mais elevado o grau de complexidade de mensagem, tanto maior será a necessidade do emprego de meios de natureza bem concreta.

Por vêzes, aliás o que ocorre frequentemente, a mensagem é tão simples para o nível cultural de determinado grupo que a palavra oral isoladamente, é o meio mais indicado

00000000000000

0000

00

0

USOM/Brasil
Divisão de Meios de Comunicação

Reproduzido com Modificações,
pelo Centro Audio-Visual de
Porto Alegre.

MURAL DIDÁTICO

(Quadro de Avisos)

O Mural Didático, também imprópriamente chamado de Quadro de Avisos, é um recurso utilizado para a visualização de uma idéia, de forma clara e concisa. Não se trata apenas de um simples quadro de madeira ou celotex onde são colocados avisos e informações de várias naturezas. Mas sim de um conjunto de elementos subordinados a um mesmo tema e dispostos harmonicamente, com a finalidade de transmitir uma determinada mensagem de forma dramatizada.

É um recurso mais versátil do que o cartaz, principalmente por comportar formas tridimensionais, sem chegar a ser, todavia, da envergadura de uma exposição.

Embora venha sendo empregado quase exclusivamente na escola primária, o Mural Didático também é perfeitamente indicado para qualquer programa educativo que tenha por objetivo informar, despertar interesse em torno de um assunto, mudar atitudes ou formar opinião.

PARTES COMPONENTES

É composto essencialmente dos seguintes elementos: cabeçalho, materiais ilustrativos, texto e legendas.

O cabeçalho é geralmente uma frase curta destinada a atrair a atenção das pessoas, fazendo com que elas se aproximem e se detenham para observar as ilustrações, as legendas e texto do Mural.

Expressões como: "No Japão andam de pernas para o ar?", "Inimigos Invisíveis", despertam certa curiosidade, seja pelo impacto, pela originalidade ou pela identificação que estabelecem com o problema do observador.

Os materiais ilustrativos - O Mural Didático é um recurso de caráter essencialmente visual e, para não perder o seu poder de impacto, deve conter, preferencialmente elementos ilustrativos. Fotografias, objetos, modelos, gráficos, são, entre outros, materiais que servem para objetivar uma idéia ou projeto.

Texto e Legendas - O texto tem por finalidade descrever com maior detalhe a mensagem parcialmente transmitida pelo material ilustrativo, em seu conjunto. A legenda realça os pontos principais de uma fotografia, mapa ou objeto, individualmente, apresentando também informações complementares.

PLANEJAMENTO

A Mensagem - A elaboração de um Mural Didático não é um processo puramente mecânico. Ela se inicia com o planejamento da mensagem, isto é, da informação a ser transmitida. Esta informação deve ser bem simples e sistematizada, uma vez que a principal característica desse recurso é a leveza de tratamento.

Em se tratando, por exemplo, de formar opinião junto ao meio agrícola quanto a importância do Silo Trincheira, de maneira que os agricultores

posteriormente se disponham a aprender esse processo através de demonstrações, leitura de folhetos ou da assistência direta do agrônomo, a mensagem poderia ser assim desdobrada:

1) Ordem dos Fatos:

Na seca há pouco pasto

O gado come menos e produz menos leite

Quando a produção é baixa aumenta a procura e os preços sobem

Ganhe mais produzindo mais leite durante a seca

. É fácil

. É barato

. Você mesmo pode fazer

. Venha ao escritório de Extensão para ver como se faz

2) Sequência visual:

Quando o educador dispõe de meios para preparar desenhos, fotografias, modelos, entre outros materiais ilustrativos - seja através do auxílio de um Centro Audio-Visual ou de elementos da comunidade - a sequência visual pode ser planejada de antemão. Do contrário, ele estará condicionado ao material existente, como ilustrações de revistas, fotografias emprestadas, mapas, etc.

No exemplo em questão a sequência visual poderia ser:

a) Fotografia: Zona afetada pela seca, vendo-se um ou dois animais subnutridos.

b) Gráfico Pictórico: Focalizando a produção média nas épocas de safra e entre-safra, com respectivos preços.

c) Ilustração ou Fotografia: Zona afetada pela seca, bujões de leite em primeiro plano, animais se alimentando em segundo plano e, ao fundo, um silo trincheira.

3) Redação

Complementando a sequência visual, poderiam ser usadas três formas distintas de redação:

a) Legendas - "Este é o problema de todos os anos: na seca, o pasto enfraquece, o gado definha e o leite escasseia", para a fotografia.

"Quando há pouco leite para vender, a procura aumenta e os preços sobem", para o gráfico.

b) Texto: "Vender leite na época da seca é lucro certo. Há muita procura e os preços são bons.

Com um Silo Trincheira o gado se alimenta melhor na seca e produz leite com mais fartura.

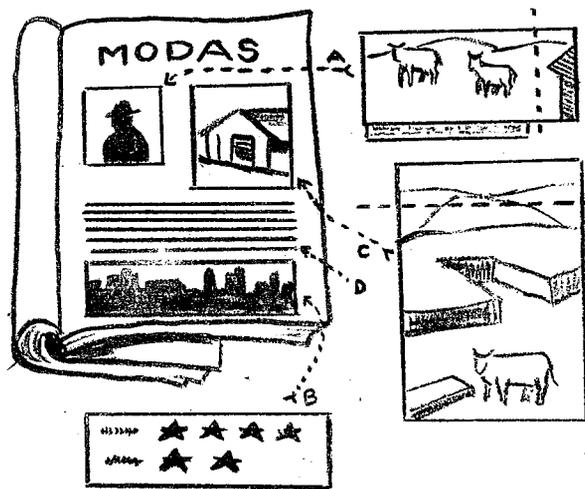
Visite o Escritório de Extensão e veja como é fácil e barato fazer um Silo Trincheira.

c) Cabeçalho - "GANHE TRÊS VÊZES MAIS"

"Lay-out": É a distribuição equilibrada e harmônica dos elementos que vão figurar no Mural Didático, isto é, cabeçalho, ilustrações, texto e legendas.

O educador não precisa ser desenhista para idealizar um bom "lay-out". Observando a apresentação dos painéis publicitários e dos anúncios em jornais e revistas ele poderá encontrar boas idéias.

Esta página de revista, por exemplo, pode servir como sugestão de "lay-out" para o Mural sôbre Silo de Trincheira. O material já preparado seria então colado no painel de acôrdo com as mesmas proporções de áreas e afastamento dêste anúncio. A fotografia com a



legenda ficariam na área A, o gráfico com a legenda em B, a ilustração em C e o texto em D.

A fim de conservar as proporções, a fotografia deve ser aparada um pouco no sentido da largura, a ilustração no sentido da altura e o texto precisa ser datilografado de acôrdo com o formato da área D. O gráfico já está numa proporção aproximada.

O QUE FAZ UMA BOA APRESENTAÇÃO?

Para que um Jornal Mural cumpra com seus objetivos êle necessita ser lido e compreendido. Infelizmente, poucos jornais murais são suficientemente atraentes para despertar interêsse e prender atenção.

Isso sômente será alcançado se, ao planejarmos um painel, observarmos os seguintes pontos:

- Simplicidade e clareza
- Movimento
- Interêsse e equilíbrio

Simplicidade e clareza

O mural didático deve ser planejado de tal forma que permita uma leitura rápida, de passagem. Sua finalidade é a de despertar o desejo de conhecer mais sôbre o assunto e não a de dizer tudo.

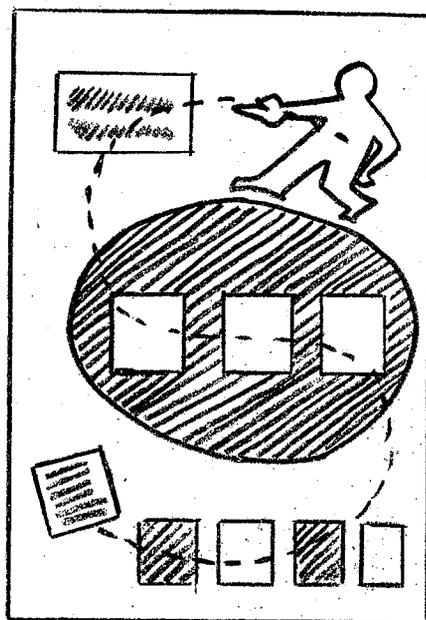
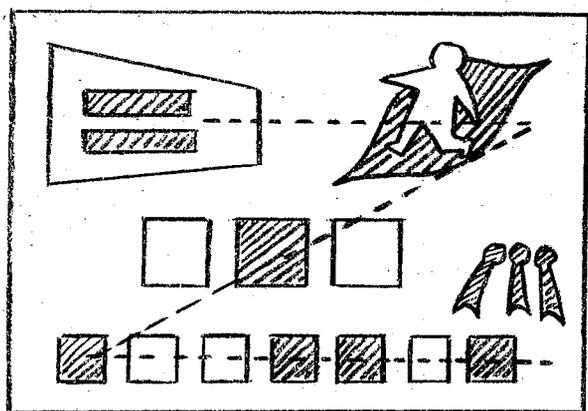
Obtenha, pois, uma idéia central e única, não encha demais o painel, use o menor número possível de palavras, chame a atenção com um arranjo agradável e frases chamativas, seja simples, seja claro.

Movimento

Para assegurar uma visão rápida da apresentação, é necessário observar a ordem e direção que o leitor segue para visualizar as diversas partes do painel.

Existem distribuições padronizadas de materiais que facilitam a observância dessa norma. Essa padronização é representada por uma linha imaginária ao longo da qual as partes do lay-out são colocadas por ordem de importância. Essa colocação exige um estudo cuidadoso.

Exemplos de distribuições padronizadas;
Linha Imaginária em Z
Linha Imaginária em S



É interessante lembrar que todo o objeto possui uma linha de direção proveniente de sua forma, posição, etc., e isso se transforma em um sinal de orientação para a leitura, considerando um lay-out.

As setas dirigem os olhos, mas sua utilização nem sempre é aconselhável, pois podem distrair a atenção. Uma boa maneira de sentir as qualidades direcionais das partes de um lay-out, é estudando as propagandas efetuadas em boas revistas e jornais.

Nas fotografias ou desenhos, a direção é algumas vezes sugerida pela posição do objeto dentro do quadro.

Por exemplo, um automóvel apontará para a direção de sua frente. A direção do olhar de uma pessoa também serve de orientação.

Interesse e Equilíbrio

O interesse deve ser despertado através o uso de material com variedade de tamanhos, formas e cores.

Use contrastes para dar ênfase às partes mais importantes do lay-out. Dê ênfase também à idéia central do mural didático.

Existem dois tipos de equilíbrio para um painel: formal e informal.

Equilíbrio formal é um arranjo simétrico das várias partes que compõem a exposição. Não há nada errado com esse tipo de equilíbrio, a não ser o fato de que é utilizado com grande freqüência.

O equilíbrio informal que resulta das distribuições simples já mencionadas, é muito mais flexível.

Ele é sempre original, enquanto que o equilíbrio formal sempre se repete e aos poucos vai perdendo a atração.

Estas considerações podem dar a impressão de que o assunto é muito complicado e de difícil execução.

Mas, um pouco de senso de observação e bom gosto fazem maravilhas.

Se, no princípio, encontrar dificuldades, procure o auxílio de desenhista ou de alguém que possua um bom senso artístico.

MONTAGEM

O painel pode ser de eucatex acústico, compensado de cedro ou outro tipo de material macio, leve e indeformável. O eucatex acústico pode ser obtido em chapas perfuradas que ainda são de maior utilidade porque se prestam para a fixação de grampos ou suportes onde são colocados objetos, amostras ou espécimens. Há também recursos mais simples e econômicos, como o papelão encorpado e o cartão corrugado, que proporcionam efeitos bem agradáveis quando montados em prancheta de madeira com moldura de "passe-partout".

Os painéis de madeira ou eucatex devem ser pintados com tinta fôska de côr pastel, tendendo para o neutro: cinza claro, creme ou azul claro, ou então coberto com feltro ou similar nessas côres mencionadas. Além do aspecto artístico, o emprêgo da tinta pode servir para a restauração de painéis já muito perfurados pelo uso constante de tachas ou percevejos.

A côr do painel deve ser mudada com freqüência.

A fixação de materiais planos sôbre os painéis pode ser feita por meio de percevejos, taxas ou então Cola de Cimento (também conhecida como Cola de Sapateiro ou cola de borracha). Êste tipo de cola não só proporciona uma aderência perfeita, como também possibilita a remoção do material colado, em perfeitas condições. A fita adesiva colorida também pode ser utilizada para êsse mesmo fim, sob a forma de moldura decorativa, fazendo assim sobressair uma fotografia, ilustração ou legenda, como elemento dominante.

Ê interessante utilizar côres fortes para os elementos mais importantes e que necessitem de maior ênfase. Por outro lado, use côres fracas para os elementos de menor importância. Isso se aplica às cartolinas ou papéis coloridos que poderão servir de fundo para as ilustrações, fotografias, gráficos, etc. Mas, cuide para que as côres utilizadas criem um contraste harmônico não só entre si, como também com a pintura do painel.

Por outro lado, a côr dos letreiros deve sempre criar um contraste marcante com a pintura do painel. Nunca utilize mais de duas côres diferentes para letreiros. As côres se não forem bem escolhidas e equilibradas poderão estragar completamente um trabalho. Daí a necessidade de um bom estudo das côres que serão utilizadas a ser feito no planejamento inicial, no esbôço de cada jornal mural.

Lembramos também a necessidade de ser feito êsse esbôço que mostrará exatamente como vai ficar o trabalho quando estiver pronto.

Aconselhamos a utilização de pedaços de papel ou cartolina que representarão as ilustrações e tiras de papel que serão os letreiros. Essas peças auxiliarão na escolha de uma boa disposição pois poderão ser jogadas de um lado para outro até que seja encontrado o lay-out ideal.

LOCALIZAÇÃO

O Mural Didático pode ser colocado em vários lugares de acôrdo com os objetivos que setenha em vista. Em um escritório de extensão agrícola ou de educação sanitária êle pode figurar para chamar a atenção e canalizar o interesse de elementos da zona rural sôbre conservação do solo, vacinação, ou higiene, entre outros problemas. Êsse mesmo mural poderia ser posteriormente transportado à uma sala de reuniões para ser utilizado coordenadamente com um quadro negro. Numa escola o mural didático pode figurar em diferentes posições:

- a) em lugar bem visível para quem entra na sala de aula, a fim de motivar os alunos para um nôvo tema a ser introduzido;
- b) próximo ao professor, para complementar uma aula ou demonstração;
- c) no fundo da sala, para fins de consulta por parte dos alunos. O mural também pode ser colocado numa biblioteca para estimular hábitos de leitura, de uma

forma geral ou em tórno de temas específicos como: autores nacionais, os grandes descobridores, etc.; em um refeitório, abordando temas de higiene e nutrição.

Em qualquer uma dessas situações o quadro deve ser colocado de forma que o seu terço inferior fique a uma altura correspondente à vista do observador. Assim sendo, conforme a idade dos alunos - nível de jardim de infância, primário, secundário ou superior - o mural deve ser situado na altura correspondente.

Ao ser localizado um jornal mural, devemos considerar também dois pontos muito importantes:

Iluminação - boa fonte de luz

Tráfico - não deve ser colocado perto de locais normalmente congestionados.

AGENDA DE ASSUNTOS

As pessoas perdem o interesse em exposições que duram muito tempo. Em regra geral, nenhum material deverá ficar em exposição durante mais de duas semanas ou menos de dois dias.

Por isso é necessário planejar uma agenda de assuntos para o Mural Didático que não só permita mudança periódica, como também variedades de tópicos.

Essa agenda deve ser flexível de maneira que possibilite uma modificação no caso de surgirem oportunidades especiais e imprevistas.

FORMAS DE UTILIZAÇÃO

1. Despertar o interesse
 - . Assuntos de caráter local - notícias, fotografias, etc.
 - . Temas introduzindo um novo assunto de aula
2. Transmitir informações:
 - . Descrição de um processo, etapa por etapa, para ser apresentado como parte integrante de um plano de aula.
 - . Apresentação de temas gerais, de maneira superficial, ou temas específicos, de forma detalhada.
3. Mudar atitudes:
 - . Possíveis soluções para problemas de ordem individual ou coletiva;
4. Desenvolver a capacidade de auto-expressão do aluno e estimular trabalhos de equipe;
 - . Murais preparados pelos próprios alunos, se necessário sob a supervisão do professor. De preferência cada um deve colaborar, de acordo com a sua aptidão, na execução de letreiros, legendas, desenhos, pinturas, montagens, chamando a si parte da responsabilidade do trabalho da equipe.
5. Valorizar o ambiente da sala de aula:
 - . Assuntos de caráter geral - como riquezas de nosso país personagens da nossa história - apresentados de forma alegórica, através de uma exposição harmônica de formas e cores.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA
(do ponto de vista do trabalho de extensão)

Consideremos os meios de comunicação de massa do ponto de vista do trabalho de extensão, no sentido puramente educacional. Extensão, portanto, tem aqui um sentido muito amplo - pode ser extensão agrícola, extensão de economia doméstica, extensão sanitária, etc.

A comunicação pode ser dirigida a uma só pessoa, ou a um grupo muito limitado de pessoas; pode ser dirigida a um grupo maior, homogêneo, especialmente selecionado para receber a comunicação, e pode ser dirigida a um grupo muito grande, a uma coletividade, composta de elementos heterogêneos, não selecionados. Segundo, pois, o público a que nos dirigimos, os meios de que nos utilizamos podem ser meios de comunicação:

INDIVIDUAL
DE GRUPO
DE MASSA

Se analisarmos os meios de comunicação sob este aspecto, veremos que, com relação à QUANTIDADE de pessoas alcançadas, os meios de comunicação INDIVIDUAL alcançam poucas pessoas; os de GRUPO alcançam mais pessoas que o anterior, e os de MASSA alcançam muitas pessoas. Entretanto, se fizermos a análise do ponto de vista da EFICIÊNCIA da comunicação, verificamos que os meios de comunicação individual são de alta eficiência, porquanto a comunicação é personalizada, isto é, é dirigida de uma pessoa, o extensionista ou educador, diretamente à pessoa que se pretende atingir e especificamente a ela; os meios de GRUPO já são de eficiência média, porquanto a comunicação neste caso é semi-personalizada, ou seja, a atenção do educador não se concentra exclusivamente numa pessoa, ou num grupo muito restrito, mas numa assembléia que, embora homogênea e selecionada, perde a característica pessoal ou de individualidade. No caso dos meios de MASSA, a eficiência é baixa, pois a comunicação é totalmente despersonalizada.

Temos, pois, que os meios de massa são de baixa eficiência como veículos de ensino, sendo em compensação de grande alcance quanto ao público atingido. Isto posto, vejamos especificamente quais os meios de comunicação que podemos definir como de MASSA. Pela definição implícita no que ficou dito antes, os meios de massa são aqueles que atingem o conjunto indefinido de indivíduos que constituem uma coletividade. A classificação de um meio como de MASSA, se subordina à possibilidade do mesmo de multiplicar a mensagem a ser comunicada de maneira que ela atinja a massa. Através de um sistema já existente de distribuição. Dentro deste critério, temos a IMPRENSA, o RÁDIO e a TELEVISÃO.

Há outros meios, também que poderiam ser incluídos nesta classificação, principalmente se omitíssemos a parte final das condições exigidas, isto é, a da existência de um meio de distribuição. Poderíamos, então incluir, entre os meios de massa um grande número de impressos, tais como folhetos, carta-circulares, volantes, etc. Entretanto, para que estes atinjam a massa, têm que ser distribuídos, e a distribuição seria ou pelo correio, individualmente ou indiscriminadamente, de porta em porta, ou de transeunte em transeunte. Seu alcance, assim, ficaria muito reduzido. Poder-se-ia incluir, ainda, nesta categoria, o livro, cuja distribuição seria através das livrarias. Mas o livro, tem que ser adquirido pelo interessado, que só então terá conhecimento da mensagem nele contida. Mais reduzido, ainda, o alcance. Mais eficiente, seria o cartaz desde que se organizasse uma boa distribuição pela cidade e arredores. Mas o cartaz só pode conter uma mensagem muito limitada. O filme cinematográfico pode ser considerado meio de massa, quando projetado nas casas públicas de projeção, nos cinemas comerciais.

Diante destes fatores, consideraremos meios de massa somente os três mencionados - IMPRENSA, RÁDIO e TELEVISÃO, os quais apresentam as seguintes características principais comuns:

1. Alcançam grande público
2. Distribuem a mensagem rapidamente
3. Economizam tempo e reduzem distâncias
4. São de baixo custo unitário (em relação ao número de pessoas alcançadas)

Como ficou dito, os meios de massa são de baixa eficiência como elemento de ensino. Entretanto, constituem um dos mais eficientes meios de veicular informações, ou seja, de noticiar um fato, de chamar a atenção e despertar o interêsse do público para o mesmo. Em outras palavras, constituem excelente veículo de comunicação de mensagens de motivação. Em consequência, são também excelentes veículos de comunicação de mensagens de conservação de normas difundidas.

Assim sendo, os meios de comunicação de massa constituem poderosos auxiliares das campanhas. Predispõem o público para a mesma, despertam o interêsse pela sua realização e andamento, e não deixam o público esquecer os ensinamentos adquiridos, proporcionando assim maior rendimento à campanha.

Além das características comuns já mencionadas para cada um dos meios, isoladamente, há a considerar mais os seguintes fatores:

IMPRENSA -

Negativos:

- O público tem que ser alfabetizado e de nível cultural médio;
- O público deve ter o hábito de adquirir e ler jornais e revistas;
- Nos jornais, a mensagem tem que ser mais superficial;

Positivos:

- O público lerá a mensagem no momento que lhe fôr mais conveniente;
- Permite o emprêgo de ilustrações;
- Permite multiplicidade de comunicações num mesmo exemplar;
- A mensagem adquire caráter de permanência: no jornal, a mensagem pode ser recortada e guardada; na revista, além disso, ela é mais duradoura, porque a revista permanece mais tempo em casa, sendo em muitos casos colecionada.

RÁDIO

Negativos:

- O público ouve rádio casualmente, enquanto desenvolve outras atividades (lê, conversa, come, joga, etc.).
- Fracionamento da mensagem - se o ouvinte perde uma parte, não dispõe de meios de completá-la;
- Dependência de horário certo - se não for ouvida naquela hora, perde-se concorrência de programas recreativos, de maior interêsse;
- Não permite a ilustração gráfica;
- Depende do público dispôr de receptores e ter meios de adquiri-los;

Positivos:

- A mensagem "entra em casa sem pedir licença"
- Embora o ouvinte esteja em outra atividade, pode ouvir a mensagem;
- É menos impessoal que a imprensa - a voz constitui elemento de identificação humana;
- Permite a multiplicação - transmissão simultânea por várias estações em cadeia; gravação em fita magnética para repetição ou uso por diversas estações no mesmo horário ou em horários diferentes;

TELEVISÃO

(Um parêntesis: temos que estar atentos à comunicação através da TV, porquanto, embora entre nós ainda esteja num estágio inicial de desenvolvimento, muito em breve as estações de televisão estarão surgindo pelo interior e por todo o resto do país, sem contar as re-transmissões que já começam a ser feitas de uma cidade a outra).

Negativos -

Depende do público dispor de receptores; alto custo dos mesmos
Depende do horário certo - se não for ouvida naquela hora, perde-se;

Fracionamento da mensagem - se o telespectador perder parte da mensagem, não dispõe de meios de reconstituí-la;

Concorrência de programas recreativos de maior interesse;

Positivos -

O telespectador assiste o programa com grande interesse (concentração);

A mensagem "entra em casa sem pedir licença";

Permite o emprego de ilustrações;

É menos impessoal que a imprensa e o rádio - a voz e a imagem do comunicador constituem forte elemento de identificação humana;

Permite a criação de cenários pelos quais o telespectador se sente em seu próprio ambiente, aumentando assim o elemento persuasivo ou dramaticidade da mensagem.

Com relação à TV, existe a possibilidade de seu emprego como veículo de ensinamentos, em circuitos fechados. Isto, porém, constitui capítulo à parte e neste caso ela seria meio de comunicação de grupo. Referimo-nos aqui à televisão comercial e como meio de comunicação de massa.

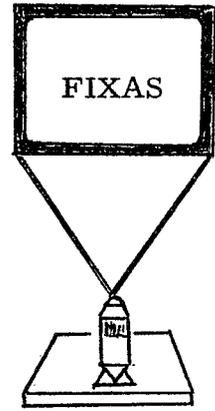
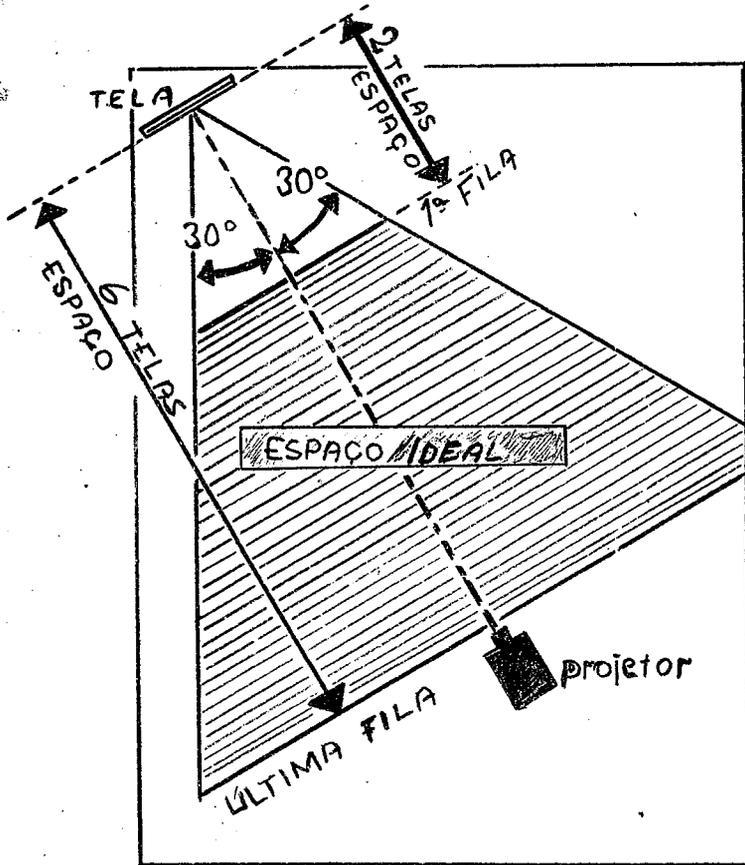
Estas são algumas das principais possibilidades e limitações dos três meios de comunicação de massa. Outras serão descobertas à medida que forem utilizados no trabalho prático, e em cada caso específico. Entretanto estes fatores devem ser levados em conta sempre que se pretender utilizar a IMPRENSA, o RÁDIO e a TELEVISÃO para comunicar mensagens.

0000000000

000000

O

ESQUEMAS PARA PROJEÇÕES DE FILMES E...



Êstes dois esquemas apresentam duas idéias de arranjar a sala da projeção para que se obtenha uma visão perfeita do material que está sendo projetado.

